

ESCOLA DE HUMANIDADES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO
MESTRADO EM TEOLOGIA

MARCUS BICALHO PINTO RODRIGUES

FORA DOS POBRES NÃO HÁ SALVAÇÃO:
UM AXIOMA PARA A CRISTOLOGIA LATINO-AMERICANA ANTE O DESAFIO DA
REALIDADE

Porto Alegre
2022

PÓS-GRADUAÇÃO - *STRICTO SENSU*



Pontifícia Universidade Católica
do Rio Grande do Sul

MARCUS BICALHO PINTO RODRIGUES

**FORA DOS POBRES NÃO HÁ SALVAÇÃO:
UM AXIOMA PARA A CRISTOLOGIA LATINO-AMERICANA
ANTE O DESAFIO DA REALIDADE.**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Teologia da Escola de Humanidades, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

Orientador: Prof. Dr. LUIZ CARLOS SUSIN

Porto Alegre

Julho/2022.

Seduziste-me, Senhor,
e eu me deixei seduzir,
desde que aprendi teu Nome
no balbucio da casa.

Seduziste-me, Senhor,
E eu me deixei seduzir
E queimei a mocidade
no fogo de tua espera.

...

Seduziste-me, Senhor,
e eu me deixei seduzir,
em cada rosto de pobre
à procura do teu Rosto.

Seduziste-me, Senhor,
e eu me deixei seduzir
numa luta desigual;
dominaste-me Senhor,
e foi tua a vitória.

Seduzimo-nos, Senhor,
numa troca desigual
e foi nossa a vitória.

Pedro Casaldáliga

Agradecimentos:

Ao professor Susin, orientador de todo o trabalho, com seu jeito incansável de ser “Francisco”.

Ao professor Érico, avaliador minucioso, cujas observações me ensinaram, ao menos um pouquinho mais, a ser “acadêmico” na escrita.

Ao professor César, pela ampliação da visão mais antropológica.

À Juliane, cujo carinho e paciência me conduziram nestes dois anos pelos caminhos do Mestrado na PUC-RS.

À Dona Ivana Novaes, a primeira a me conduzir na década de setenta pelas favelas do Bicão, da Horta, do Independência e do Vale do Jatobá em Belo Horizonte.

RESUMO

Esta dissertação mostra as reflexões e pesquisas bibliográficas e documentais sobre a miséria e a pobreza de grande parte da população brasileira, suas causas e consequências. Procura ainda compreender à luz dos documentos oficiais da Igreja o que se entende e pretende com “salvação”. Investiga em teólogos renomados referências de ligação entre pobres e salvação, pobreza e libertação, compromissos sócio-políticos e religiosos. Por fim, busca à luz de reflexões de Jon Sobrino e de sugestões como as do Papa Francisco, na Economia de Clara e Francisco, apontar caminhos que levem à salvação, à erradicação da miséria e à diminuição da pobreza.

PALAVRAS CHAVE: Pobre, Salvação, Capitalismo, Cristianismo, Pobreza, Miséria, Economia de Clara e Francisco, Jon Sobrino.

ABSTRACT

This dissertation shows the reflections and research on the misery and poverty of a large part of the Brazilian population, its causes and consequences. It also seeks to understand in the light of official Church documents what is meant and intended by “salvation”. It seeks in renowned theologians references for the link between the poor and salvation, poverty and liberation, socio-political and religious commitments. Finally, in the light of Jon Sobrino's reflections and suggestions such as those of Pope Francis, in Clara and Francisco's Economy, it seeks to point out ways that lead to salvation, the eradication of misery and the reduction of poverty.

KEYWORDS: Poor, Salvation, Capitalism, Christianity, Poverty, Misery, Economy of Clara and Francisco, Jon Sobrino.

SUMÁRIO

| | |
|---|-----------|
| 1 INTRODUÇÃO..... | 6 |
| 1.1 FATO MOTRIZ DESAFIANTE..... | 6 |
| 1.2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA..... | 7 |
| 1.3 TEMA DELIMITANTE..... | 11 |
| 2 A POBREZA NO BRASIL..... | 11 |
| 3 A SALVAÇÃO E A PRIORIDADE EVANGÉLICA DOS POBRES | 20 |
| 4 “FORA DOS POBRES NÃO HÁ SALVAÇÃO”, A COMPREENSÃO DO ENSAIO UTÓPICO-PROFÉTICO DE JON SOBRINO..... | 34 |
| 4.1 Necessidade de uma nova lógica para compreender a salvação..... | 38 |
| 4.2 A lógica da salvação na tradição bíblico-cristã..... | 40 |
| 4.3 O pobre e sua força salvífica..... | 42 |
| 5 OS POBRES COMO SACRAMENTO DE SALVAÇÃO E A POBREZA A SER SUPERADA..... | 47 |
| 6 CONCLUSÃO..... | 55 |
| REFERÊNCIAS..... | 56 |

1. INTRODUÇÃO

O axioma proposto é bastante polêmico e tem sido objeto de discussões apaixonadas, o que tem impossibilitado seu aprofundamento com mais racionalidade. Como é um tema bastante relevante no qual a Igreja precisa refletir e compreender para ser uma resposta coerente e competente à realidade atual, esta dissertação o aborda sobre vários aspectos.

1.1. FATO MOTRIZ DESAFIANTE

O ano era 1982. O local a zona rural da cidade de Uberlândia, Minas Gerais, Comunidade Eclesial de Base “Curva de São Bento”. O tema da discussão a “Opção preferencial pelos pobres”. O debate estava acalorado. Os dirigentes citando trechos do Documento de Puebla e os integrantes argumentando lá e cá: Deus como pai não podia ter preferência, tinha de amar todos os filhos por igual; e ainda citavam até nominalmente pessoas ricas que eram boas e levavam ajuda, roupas, cestas básicas, vinham rezar e até levavam algumas mulheres para serem domésticas em suas casas.

Foi quando Dona Sebastiana do Zé “Porfio”, parteira e benzedeira, querida e respeitada como poucos na Comunidade, pediu a palavra e disse:

- “Não entendo por que tanta dificuldade no entendimento. Deus é igual lá em casa. Gosto por igual dos meus onze filhos, mas quando um tá doente ou ruim na Escola, largo os pequenos com as vizinhas, os maiorzinhos, uns cuidam dos outros e eu vou pro hospital cuidar do doente ou pra escola conversar com a professora e ver o que posso fazer pra ajudar ele a entender a lição. É normal. A gente cuida diferente de quem precisa mais”.

Esta experiência que vivenciei, esta “aula de teologia” que recebi quando “padrezinho novo”, me ajudou a entender a relação de Deus com os mais necessitados, a relação da salvação com os pobres.

Outra experiência desafiante foi a discussão sobre salvar a quem e do quê! Em princípio, todos querem ser salvos, mas normalmente, não é muito claro para as pessoas, do que querem se salvar.

Em 2005, apliquei um questionário em duas Comunidades da Paróquia Nossa Senhora da Abadia, em Uberlândia-MG, na matriz, em um bairro de classe média e na Comunidade do bairro Shopping Park, a mais pobre e de periferia. Uma das perguntas era: “Do que você gostaria de ser salvo”?

Mais de 80% dos que responderam na Matriz disseram que gostariam de ser salvos do inferno enquanto na periferia menos de 30% tinham esta preocupação. Na periferia, a Comunidade era organizada nas propostas de CEBs (Comunidades Eclesiais de Base) e a maioria já se manifestava em termos de salvação político-social, iniciada no aqui e agora e citava situações concretas como falta de redes de água e esgoto, iluminação pública deficiente, inexistência de linhas de ônibus, desemprego, fome e miséria. Curiosamente moradia quase não aparecia na pesquisa, pois a maioria era dona de seu lote e tinha sua casinha em construção, dando este problema como resolvido.

Estas e outras experiências semelhantes sempre marcaram minha vida eclesial. Mais tarde, tomando contato com o ensaio utópico-profético de Jon Sobrino: “Fora dos pobres não há salvação”, me senti desafiado a aprofundar e escrever a respeito.

1.2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

O tema da salvação ligada ou não à pobreza é de grande atualidade e relevância. É inequívoca a mensagem de Jesus quanto a cuidarmos uns dos outros, principalmente dos que se encontram (ou foram colocados) em situação de vulnerabilidade. As palavras de Jesus nos textos dos evangelhos apontam uma mensagem direta entre o “estado de pobreza” e a opção de Jesus por estes, quando o assunto é “salvação”. A título de exemplos: “Este é o meu mandamento: amai-vos uns aos outros como eu vos amei”. (Jo 15, 12); “Bem-aventurados vós, os pobres, porque vosso é o Reino de Deus. Bem-aventurados vós que agora tendes fome, porque sereis saciados” (Lc 6, 20b-21); “Apartai-vos de mim, malditos, para o fogo eterno preparado para o diabo e seus anjos. Porque tive fome e não me destes de comer. Tive sede e não me destes de beber. Fui forasteiro e não me recolhestes. Estive nu e não me vestistes, doente e preso e não me visitastes” (Mt 25, 41b-43); “É mais fácil um camelo passar pelo buraco de uma agulha do que um rico entrar no Reino dos Céus” (Mt 19, 24); A parábola do rico e do pobre nominado Lázaro (miserável, excluído de qualquer convívio social), contada em Lc 16, 19-31.

O Papa Francisco, em sua homilia no Dia Mundial dos Pobres de 2021, citando Mc 14,7, comenta: ¹

Com efeito, o rosto de Deus que Ele revela é o de um Pai para os pobres e próximo dos pobres. Toda a obra de Jesus afirma que a pobreza não é fruto duma fatalidade,

¹ <https://www.vatican.va/content/francesco/pt/messages/poveri/documents/20210613-messaggio-v-giornatamondiale-poveri-2021.html>

mas sinal concreto da sua presença no nosso meio. Não O encontramos quando e onde queremos, mas reconhecemo-lo na vida dos pobres, na sua tribulação e indignação, nas condições por vezes desumanas em que são obrigados a viver. Não me canso de repetir que os pobres são verdadeiros evangelizadores, porque foram os primeiros a ser evangelizados e chamados a partilhar a bem-aventurança do Senhor e o seu Reino (cf. *Mt 5, 3*).

Reconhecendo nos pobres uma característica diferente no contexto salvífico, uma vez que já vivem a experiência do crucificado no seu dia a dia, o papa acentua que existe algo bem além dos movimentos de ajuda, campanhas beneficentes e movimentos do gênero. A grande questão é olharmos para o outro não como um objeto a ser “bem tratado” ou socorrido, mas um ser humano com tal familiaridade com o Cristo que é capaz de nos mostrar e ensinar caminhos novos que nos conduzam à verdadeira salvação.

Os pobres de qualquer condição e latitude *evangelizam-nos*, porque permitem descobrir de modo sempre novo os traços mais genuínos do rosto do Pai. Eles têm muito para nos ensinar. Além de participar do *sensus fidei*, nas suas próprias dores conhecem Cristo sofredor. É necessário que todos nos deixemos evangelizar por eles. A nova evangelização é um convite a reconhecer a força salvífica das suas vidas, e a colocá-los no centro do caminho da Igreja. Somos chamados a descobrir Cristo neles: não só a emprestar-lhes a nossa voz nas suas causas, mas também a ser seus amigos, a escutá-los, a compreendê-los e a acolher a misteriosa sabedoria que Deus nos quer comunicar através deles. O nosso compromisso não consiste exclusivamente em ações ou em programas de promoção e assistência; aquilo que o Espírito põe em movimento não é um excesso de ativismo, mas primariamente uma *atenção* prestada ao outro, considerando-o como um só consigo mesmo. Esta atenção amiga é o início duma verdadeira preocupação pela sua pessoa e, a partir dela, desejo de procurar efetivamente o seu bem (Papa Francisco, Exort. ap. *Evangelii gaudium*, 198-199)

O acirramento do debate político na sociedade brasileira entre os que se entendem “de direita” e os que se entendem “de esquerda”, trouxe também para dentro das Igrejas, para dentro das comunidades cristãs, verdadeiras “guerras de mensagens em meios eletrônicos”, com acusações, divulgação de *fake News*, demonstrações de intolerância que agora emergem e que já estavam instaladas nos corações e mentes cristãs, fruto de uma catequese infantilizada e alienada e de uma mensagem formativa cristã, bastante limitada e superficial.²

Fica evidente a importância de evitarmos que se “coloque no mesmo pacote ideológico” a realidade cristã salvífica da libertação dos pobres através da luta por uma sociedade mais justa e fraterna e os discursos “liberto fóbicos” de ameaça comunista à toda leitura ou fala ligada à justiça social em que se dá por descontado o aspecto diabólico da *Teologia da Libertação*.

² www.facebook.com/catequistasemformacao -

Afinal, o “discurso” do “cuidar” dos pobres, enfermos, marginalizados é a essência do Evangelho e não doutrinação marxista.³

O discurso de qualificar como “comunista” as ações dos agentes voltados para os pobres, ou ligados à Teologia da Libertação, tem trazido grandes dificuldades no diálogo que conduz à salvação. Muitos textos têm refletido este aspecto e denunciado que por trás destes discursos, existe toda uma intenção de denegrir sem conhecer. Taxar alguém ou algo como “comunista”, é condená-lo a não ser lido ou não ser escutado. Interessante observar que vivemos em uma sociedade capitalista que tem se mostrado absolutamente anticristã: excludente, competitiva, discriminatória, acumuladora, consumista, dizimadora da natureza, criadora de um espaço enorme entre ricos e pobres, incapaz de atender os necessitados e atea na sua pior concepção que é a do “falso religioso”, ou do falso bondoso”, ou do “falso fiel”, ou ainda do falso caridoso. O curioso é que, embora vivendo esta realidade no dia a dia, não se rotula pejorativamente ninguém como “capitalista”. As falas insultuosas são sempre no sentido de rotular como “comunista”.

A respeito deste tema, Frei Betto no seu artigo “Tenha ódio de política”, faz uma análise sobre o fato das pessoas criticarem o comunismo, o socialismo, o marxismo, sem de fato ter conhecimento do que se trata. Faz uma crítica à forma como se liga por exemplo o marxismo às atrocidades desenvolvidas por líderes como Stalin, por exemplo, mas ressalta que a análise histórica social e as ideias não podem ser julgadas pelas ações dos que a usaram de forma deturpada. Caso contrário, poderíamos condenar Jesus e seus evangelhos pelas milhares de mulheres queimadas na Idade Média, ou pelos atrasos e condenações feitas a cientistas na Inquisição, tudo em nome da fé.⁴

Esta pesquisa tem por objetivo analisar a relação entre pobreza e salvação, aprofundando o que é a pobreza, o que é a salvação e a relação, se é que existe entre os dois. Para tanto, utiliza como base de análise o texto de Jon Sobrino: “Fora dos Pobres Não Há Salvação”, depois de determinar os significados de salvação e pobreza.

Algumas premissas para esta pesquisa são inequívocas:

1- Todos os cristãos almejam uma “salvação”, mesmo que não saibam exatamente o que significa. Isto se expressa em orações populares como “Oh meu Deus, eterno e gloriosos pai

³ DOCUMENTO DE APARECIDA, 13-31 de maio de 2007. São Paulo, SP: Paulus. 18ª reimpressão, 2019. 391-398.

⁴ BETTO, frei, “Tenha ódio de política”, artigo publicado em dezembro de 2021: mhgpal@gmail.com

querido, a quem eu tanto amo. No dia de hoje te peço a salvação da minha alma, do meu corpo e de tudo o meu que precisa ser salvo”.⁵

2- A pobreza material no Brasil, na América Latina, e no mundo em geral, cresce mais a cada dia e se verifica a constatação que o CELAM – Conselho Episcopal Latino-americano – alertava há quase cinquenta anos: “Ricos cada vez mais ricos às custas de pobres cada vez mais pobres” (Puebla 27-31). No Brasil, segundo o IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – (novembro 2020), 50 milhões de pessoas se encontram em estado de pobreza (renda per capita mensal abaixo de R\$449,00 e 13 milhões em estado de extrema pobreza (renda mensal abaixo de R\$178,00). Um terço das famílias brasileiras encontra-se em situação de “insegurança alimentar” e a metade das crianças brasileiras abaixo de 5 anos, 6,5 milhões, vivem nestas famílias.⁶

3- A maioria das lideranças religiosas, bispos, padres, diáconos, catequistas, coordenadores de comunidades e de grupos de reflexão estão divididos, defendendo e atacando as situações sociais, políticas, religiosas sem uma reflexão mais aprofundada, o que causa enorme confusão nas assembleias de fiéis, uma vez que, o excesso de informações controversas, as infelizmente já famosas *fake News* e a intolerância, reforçam o “não saber”, o “não compreender” e a já famosa expressão não dita, mas internalizada pelas pessoas de que “não sei, não quero saber e sou contra”.

Esta pesquisa pretende entender e aprofundar a ligação explícita entre *salvação e pobreza* como premissa para que se possa ter ações acertadas quanto ao caminho da fé em busca da salvação, compreendendo inclusive como, onde e quando esta salvação se dá na dialética entre libertações históricas e salvação transcendente.

A salvação/justificação de todos tem, além de sua dimensão transcendental e metafísica, uma dimensão histórica, como é próprio da fé cristã, ou seja, uma dimensão de historicidade que, seguindo a Escritura, é apropriada chamar de “libertação”. Isso supõe uma compreensão dialética, tanto da história, como da sociedade.⁷ Também, no mesmo sentido, a salvação/justificação tem dois aspectos fundamentais: a reabilitação das vítimas e a expiação de seu algoz. A ambos se oferece a salvação e a justificação de modos diferentes.

⁵ Nesta oração popular, o orante faz uma generalização que demonstra não saber bem o que está pedindo.

⁶ <https://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2020/11/12/ibge-brasil-tem-quase-52-milhoes-de-pessoas-na-pobreza-e-13-milhoes-na-extrema-pobreza.ghtml>

⁷ Por isso Leonardo Boff, ao se posicionar junto aos demais autores da Teologia da Libertação tendo em mãos o então recente livro de Gustavo Gutierrez que se tornou referência fundacional, publicou seu primeiro ensaio de forma a acentuar a necessária dialética: *Teologia do Cativo e da Libertação*. Petrópolis: Vozes, 197.

A dissertação tem assim, claramente, uma opção de leitura da dinâmica da salvação e da libertação. Uma leitura a partir do lugar social de dominação, será normalmente reducionista e acomodatória, buscando “reformas” que no fundo mantenham o “*status quo*” reinante. A visão da realidade a partir do lugar social do dominado, da miséria, dos sem-teto, sem-terra, sem trabalho, os três “*tês*” (Terra, Teto, Trabalho), que são fundamentais na doutrina social do Papa Francisco⁸, ajudarão a conduzir as verdadeiras “revoluções” transformadoras, baseadas na justiça e na distribuição mais equitativa dos bens desta Terra, e por conseguinte, maior proximidade com a salvação que coroa o caminho do Reino.

Enfim, para que haja uma real conexão entre salvação e libertações históricas, a dissertação terá presente a mediação das ciências sociais, que mostram ser as relações entre opressores e oprimidos, ricos e pobres, exploradores e explorados, não simplesmente a nível interpessoal, mas fundamentalmente, a nível de grupos, classe e nações, e assim precisam ser compreendidas, para que não se permaneça numa visão meramente subjetiva de uma espiritualidade desencarnada.

1.3. TEMA DELIMITANTE

A SALVAÇÃO tem sido grande preocupação ao longo de toda a história do cristianismo. Desde a afirmação de Orígenes e Cipriano de que *Extra Ecclesiam nulla salus* até Edward Schillebeeckx, após o Vaticano II, com *Extra mundum nulla salus*, podemos perceber a preocupação com o “lugar da salvação”. Esta pesquisa é baseada no ensaio utópico-profético de Jon Sobrino que, baseado na experiência de miséria na América Latina, dá um passo a mais com *Extra pauperes nulla salus*, ou seja, trabalha a ideia de que “fora dos pobres não há salvação”.⁹

A pesquisa é baseada em vasta bibliografia de Jon Sobrino, Papa Francisco, Dom Oscar Romero, Pedro Casaldáliga, Cardeal Ratzinger, Leonardo Boff, Francisco de Aquino Junior, Luiz Carlos Susin, documentos oficiais da Igreja, e para delimitar a realidade social e econômica, Jessé Souza e Thomas Piketty, e ainda as diversas fontes franciscanas da minha vivência e formação como frade franciscano. Afinal, a opção concreta de São Francisco de

⁸ Apesar das tentativas de reduzi-los a eventos “folclóricos” ou de usá-los para retratar Bergoglio como um “bolchevique de túnica branca”, os três discursos dirigidos por Francisco aos Movimentos Populares nos encontros em Roma, em 2014, em Santa Cruz, em 2015, e de novo em Roma, em 2016 – agora reunidos no livro intitulado *Terra, Casa, Trabalho*, de Alessandro Santagata, com prefácio de Gianni La Bella, Ed. Ponte alle Grazie, 176 páginas – realmente ajudam a entender a visão pós-ocidental e mundialista do pontífice.

⁹ SOBRINO Jon. *Fora dos pobres não há salvação*. São Paulo, SP: Paulinas, 2008

Assis, passou de uma atitude reformista para uma ação revolucionária quando ele compreendeu o lugar do pobre (sem casa, leproso, mendigo) na proposta de Jesus nos Evangelhos.

2. A POBREZA NO BRASIL

Para pensarmos sobre a tese de Jon Sobrino; “Fora dos pobres não há salvação”, precisamos primeiro entender o que significa a pobreza em nosso país e quem são os ditos pobres.

O IBGE tem seus mecanismos de pesquisa que, com bastante acuidade, conseguem atualmente ter dados confiáveis, como por exemplo a Síntese de Indicadores Sociais¹⁰ que analisa a qualidade de vida e os níveis de bem-estar das pessoas, famílias e grupos populacionais, a efetivação de direitos humanos e sociais, bem como o acesso a diferentes serviços, bens e oportunidades, por meio de indicadores que visam contemplar a heterogeneidade da sociedade brasileira sob a perspectiva das desigualdades sociais.

Para entendermos melhor as pesquisas e seus resultados é importante conhecer a história de como foram se desenvolvendo as coletas de dados, sua compilação e análise. A Síntese de Indicadores Sociais teve início em 1998. Sua origem remonta à publicação *Indicadores sociais: relatório 1979*, também do IBGE, que, rompendo com a hegemonia de indicadores econômicos para estes fins, em especial o Produto Interno Bruto - PIB, avançou na proposição de um novo escopo de avaliação das condições de vida da população, contemplando, à época, questões relacionadas a População e famílias, Divisão do trabalho, Mobilidade ocupacional da força de trabalho, Distribuição de renda, Despesa familiar, Habitação, Educação e Saúde. Até a edição de 2016, a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios - PNAD constituiu a sua principal fonte de informação, complementada com outras estatísticas, tanto do IBGE como de fontes externas. Com o encerramento da PNAD e sua substituição pela Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua - PNAD Contínua, esta passou a ser a principal fonte de informação do estudo, somando-se a ela, da mesma forma, outras estatísticas internas e externas.

Com o passar dos tempos e o aprofundamento das metodologias, o estudo incorporou e tabulou informações essenciais para o mapeamento das desigualdades e seus efeitos sobre a realidade social brasileira. As desigualdades de raça, cor, gênero, renda familiar, idade, condições de moradia, tipos de trabalho, remuneração, jornadas laborais, tempo de deslocamento e tantas outras, podendo assim, através da incorporação de dados atuais e

¹⁰ <https://www.ibge.gov.br/estatisticas/multidominio/condicoes-de-vida-desigualdade-e-pobreza/9221-sintese-de-indicadores-sociais.html?=&t=o-que-e>

relevantes, orientar as políticas públicas, através da compreensão da realidade com base científica.

Baseados nestas estatísticas, temos informações como por exemplo as de abril de 2021 que trazem a realidade de fevereiro do mesmo ano citada na reportagem abaixo.

Número de brasileiros que vivem na pobreza quase triplicou em seis meses, diz FGV
Segundo dados da Fundação Getúlio Vargas, o número de pobres saltou de 9,5 milhões em agosto de 2020 para mais de 27 milhões em fevereiro de 2021.
Por Jornal Nacional
05/04/2021

Número de brasileiros que vivem na pobreza quase triplicou em seis meses, diz FGV
Um levantamento da Fundação Getúlio Vargas mostra que, em seis meses, o número de brasileiros que vivem na pobreza quase triplicou.

A pobreza no Brasil triplicou. O número de pobres saltou de 9,5 milhões em agosto de 2020 para mais de 27 milhões em fevereiro de 2021. Para piorar a situação, a alta de preços nos alimentos dificultou a vida de quem mais precisa. Está faltando comida na mesa. Tem muita gente com fome.

“Se a gente comparar a situação de março de 2021, sem auxílio emergencial, é o pior nível de pobreza de toda a série histórica que começa em 2012. E o que é impressionante é que saiu do melhor nível, com auxílio emergencial pleno, para o pior nível. Isso produz uma grande instabilidade que também é danosa para a vida das pessoas”, diz o economista Marcelo Nery, da FGV Social ¹¹

Com as dificuldades de compreensão do governo nacional atual, baseando-se no negacionismo, terraplanismo e na “não ciência”, os dados deixam de ser norteadores das políticas públicas e passam a ser denunciadores da situação difícil que se vive. Assim, temos políticas financeiras de não contenção de gastos (aprovação de leis autorizativas a “furar o teto”), aumentos salariais pontuais com objetivos claramente eleitoreiros, repasse de verbas vultosas para aplicações não sujeitas a prestação de contas (as Emendas Secretas), a distribuição de cargos públicos para apaniguados e ainda a sujeição dos mesmos à prática de “rachadinhas”, e ainda políticas de saúde que dificultam e atrasam a vacinação contra pandemias como a do COVID 19, ou campanhas a favor de medicamentos ineficazes. Tudo isto concorre para um aumento da pobreza em nosso país.

Neste ponto será importante olharmos um pouco para trás para entender como chegamos a esta situação de pobreza e de descaso político.

De acordo com Jessé Souza¹²:

A questão do poder é a questão central de toda a sociedade. A razão é simples. É ela que nos irá dizer quem manda e quem obedece, quem fica com os privilégios e quem

¹¹ <https://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2021/04/05/numero-de-brasileiros-que-vivem-na-po>

¹² SOUZA, Jessé. *A Elite do Atraso: Da escravidão à Lava Jato*. Rio de Janeiro: Leya, 2017. p 11

é abandonado e excluído. O dinheiro, que é uma mera convenção, só pode exercer seus efeitos porque está ancorado em acordos políticos e jurídicos que refletem o poder relativo de certos extratos sociais.

Na América Latina como um todo, mas no Brasil particularmente, criou-se o que chamamos de “síndrome do vira-latas”. Uma concepção de que somos pessoas piores, incapazes, corruptos e deformados e que os europeus e norte-americanos são melhores e mais capazes que nós.

Ainda segundo Jessé de Souza:

[...] o embuste se torna completo por ter também inventado o conceito ao mesmo tempo mais fajuto e mais influente de todo o pensamento social brasileiro, que é a noção do patrimonialismo. Este defende que o Estado no Brasil é um alongamento institucionalizado do homem cordial e tão vira-lata quanto ele. Abriga elites que roubam o povo e privatizam o bem público.¹³

O fato de termos políticos e governantes que agem assim, não significa que somos um povo assim e muito menos que temos de nos acomodar e submeter a uma situação destas. Parte de toda a nossa pobreza, comodismo e conivência, está ligada a uma mentalidade também difundida nas igrejas cristãs tradicionais de que os fiéis não deviam se meter em política, reforçando o equívoco de deixar para outros o poder econômico e político.

Nossa pobreza certamente está ligada ao fato da cultura enraizada que construiu certo medo e ódio dos negros libertos da escravidão e que muito facilmente se transportou para os mesmos sentimentos em relação aos pobres. Jessé de Souza¹⁴ dá como exemplo que, quando as classes médias saíram às ruas para protestar contra a corrupção do governo do Partido dos Trabalhadores em 2013, não era contra a corrupção que protestavam, uma vez que, corrupção igual ou maior se deu em governos anteriores e era sabido de todos. O protesto era contra o Partido dos Trabalhadores que tinha ousado criar condições de ascensão social a pobres. Agora as universidades estavam cheias de estudantes de classes populares, muitos viajavam nas férias e as classes médias tiveram de dividir aeroportos e hotéis de veraneio com negros, pardos e egressos de classes populares. Tal “afronta” era inaceitável.

A perpetuação da pobreza, peça fundamental para a organização social desejada pelas elites brasileiras, levou estas elites a um pacto com a classe média. De acordo com Jessé de Souza¹⁵:

[...] a elite dos proprietários mantém seu padrão predatório de sempre. A grilagem de terras, covarde e assassina como sempre foi e ainda é uma espécie de acumulação primitiva de capital eterna no Brasil [...] Nada muda significativamente com a elite do

¹³ SOUZA, Jessé. *A Elite do Atraso: Da escravidão à Lava Jato*. Rio de Janeiro: Leya, 2017. p 31

¹⁴ Id. p. 67

¹⁵ Id. p. 107 e 108

dinheiro de hoje que compra o Parlamento, sentenças de juízes, a imprensa e o que mais for necessário – como o mal explicado acidente com o avião do ministro do Supremo Tribunal Federal, Teori Zavascki, comprova – para manter o bolso cheio. O que importa é garantir o saque do orçamento, a rapina das riquezas nacionais como sócio menor do capital estrangeiro e a quebra do ânimo e da solidariedade dos trabalhadores para a maior exploração possível do trabalho.

Com a ralé dos novos escravos a mesma coisa. O mesmo ódio covarde devotado ao escravo, não apenas pela exploração do trabalho a preço vil, mas a humilhação diária, o desejo e a alegria com assassinatos e massacres, a recusa de tolerar qualquer melhora nas suas condições.

Atualmente, o capitalismo financeiro desenvolveu nova tática de convencer os trabalhadores de que são empresários de si mesmos através das já tristemente famosas MEIs (Microempresários individuais). Com isto se precariza o trabalho, baixa o custo ao empregador e os direitos trabalhistas conquistados ao longo de décadas são descartados. Tudo isto contribui cada vez mais para a proletarização e empobrecimento da população. O pior é que muitos se convenceram que são “patrões” e se tornaram mais opressores que seus antigos algozes.

Mas, sem dúvida, a maior das iniquidades está na chamada classe média, constituída normalmente de cristãos, frequentadores de igrejas e que tem casa, automóvel, os filhos em escolas particulares e planos de saúde, pois têm renda suficiente e qualificação que lhes garantem empregos de melhor remuneração. A estes, podemos comparar os fariseus dos tempos de Jesus. Por trás de seu legalismo e pseudoliberalidade e imparcialidade, vendem sua omissão e seu silêncio aos dominantes e nos momentos de tensão, claramente se colocam ao lado das elites, buscando as migalhas de suas benesses.

Curiosamente, entendem que estas posições estão de acordo com suas igrejas e religiões, e fazem adaptações e interpretações das falas e ações de Jesus para lhes servir. Criam-se nas igrejas diversos “movimentos” com sua eclesiologia paralela e suas reinterpretações.

São estes que rotulam de “comunistas” os que tentam seguir a doutrina social da Igreja e se encastelam em suas orações e retiros particulares, criando uma “igreja paralela” e uma doutrina excludente dos pobres e marginalizados, aos quais fazem invisíveis.

Ainda para Jessé de Souza:

[...] a classe média é a que monopoliza o capital cultural valorizado que tanto o mercado quanto o estado vão necessitar para se reproduzir. Advogados economistas, publicitários, artistas, administradores, contadores, e assim por diante são, em sua esmagadora maioria, especialistas desse capital cultural valorizado que caracteriza a classe média. Não existe nenhuma função do mercado ou do Estado que possa ser exercida sem o concurso destes especialistas. Em grande medida, essas funções são todas de controle, direção, supervisão e legitimação do sistema econômico, social e político. Daí que a classe média seja uma classe do privilégio. Ela tem o salário e o prestígio correspondente de quem realiza no dia a dia a dominação social, econômica e política em nome da elite do dinheiro. Traçando um paralelo com o nosso passado

escravista, a classe média é o capataz da elite do dinheiro de modo a subjugar a sociedade como um todo¹⁶

E temos ainda a situação dos excluídos, dos sem trabalho, sem terras no campo, sem teto nas cidades, analfabetos e semialfabetizados, que estudaram poucos anos e ainda em escolas muito precárias, sem qualquer tipo de qualificação e condenados a uma situação de pobreza quase irreversível. A esta classe de “novos escravos” o sistema não tem nenhuma resposta ou amparo. No máximo os usa enquanto têm saúde e força física quase como animais de tração e de carga, em serviços que demandam força bruta (estivadores, carregadores) ou ainda em serviços repetitivos (domésticos, capinadores, serviços gerais), todos com remuneração baixíssima se contratados mensalmente ou ainda pior, se como diaristas.

Com a aprovação da PEC 55/2016, se congelaram todas as despesas por vinte anos para se garantir o pagamento da dívida pública à classe mais rica deste país, tudo com o dinheiro dos pobres, através dos impostos embutidos nos alimentos, gás de cozinha, diesel de transporte, passagens de ônibus urbanos etc. Tudo isto leva a crer que a situação de pobreza no país tende a se tornar mais grave a cada ano.

Uma situação como esta, de deterioração constante das possibilidades financeiras e de dignidade da maioria, era de se supor que a classe média, detentora dos meios culturais, dos cargos nas universidades, da esfera política e econômica produtiva, se posicionasse contra esta situação.

Isto não ocorreu e nem ocorrerá, pois, a classe média teme e/ou despreza os pobres, e tenta se manter o mais longe possível deles. Só se aproxima para utilizar de seus trabalhos e serviços que ela mesma não se propõe a realizar e, mesmo assim, buscando sempre uma relação de superioridade e de dependência agradecida.

Com relação aos ricos, a classe média inveja a situação deles, mas julga veladamente que são grandes corruptos e corruptores e se mantem como bastiões da moralidade, uma vez que, normalmente não é chamada para participar e lucrar com as negociatas. Como agentes públicos, às vezes criam facilidades em troca de propinas, mas julgam que este procedimento é normal, portanto, moralmente desculpável.

Se a classe média como agente de mudança social está comprometida com o sistema e com a estagnação de classes, a perspectiva é de que a situação permaneça piorando a cada ano. É sabido que dentro da classe média, mobilizado por seus estudos, existem grupos conhecidos

¹⁶ SOUZA, Jessé. *A Elite do Atraso: Da escravidão à Lava Jato*. Rio de Janeiro: Leya, 2017. p 146 e 147

como “mais à esquerda” que não compactuam com o sistema imposto e se posicionam por mudanças. Infelizmente são grupos pequenos e bastante divididos em facções, que muitas vezes até aderem a inimigos para superar um rival. Esta estreiteza de visão dos movimentos de esquerda acaba beneficiando os grupos majoritários de centro direita e de direita, propiciando derrotas históricas em eleições. Pese ainda o fato de serem grupos extremamente teóricos, normalmente incapazes de fazer sacrifícios individuais e com bastante dificuldade de diálogo com os mais pobres, muitas vezes, reproduzindo nesta relação, o sistema de opressão vigente.

O Brasil se apresenta com suas particularidades, mas claramente fazendo parte de um jogo global maior. Por isto, mudanças locais fatalmente incidirão em outras localidades.

Thomas Piketty em seu livro “Capital e Ideologia”¹⁷, apresenta no capítulo dezessete alguns elementos constitutivos para uma sociedade nova em que esta situação de pobreza mundialmente crescente poderia ser revertida. São elementos bastante polêmicos, mas que merecem ser conhecidos e aprofundados por cristãos que estão buscando construir uma sociedade mais próxima do que Jesus chamou de Reino de Deus. Seguem aqui alguns destes elementos:

- A justiça como participação e como deliberação.
- A erradicação do capitalismo e da propriedade privada.
- O imposto progressivo sobre a propriedade e a circulação de capital.
- A distribuição da propriedade e a dotação universal de capital.
- O tríptico do imposto progressivo: propriedade, herança, renda.
- O retorno da progressividade tributária e a reforma agrária permanente.
- Rumo à propriedade social e temporária.
- A transparência patrimonial num único país.
- A renda básica e o salário justo: o papel do imposto progressivo sobre a renda.
- Taxação progressiva sobre as emissões de carbono.
- Construção de uma justiça educacional.
- Democracia participativa e igualitária.

Para os cristãos ocidentais contemporâneos, acostumados a uma constante separação entre fé e política, questões como as anteriores causam um grande desconforto interior. Lembremo-nos de algumas palavras de São Oscar Romero:¹⁸

“A fé cristã e a ação da igreja sempre tiveram repercussão sociopolíticas. Por ação ou por omissão, pela convivência com um grupo social ou com outro, os cristãos sempre influenciaram na configuração sociopolítica do mundo em que vivem.”
 “Quando a Igreja se insere no mundo sócio-político para cooperar no surgimento da vida para os pobres, não está se distanciando de sua missão nem fazendo algo subsidiário ou supletivo, mas está dando testemunho de sua fé em Deus, está sendo instrumento do Espírito, Senhor e doador da vida.”
 “A justiça é a nossa força; a verdade é o que faz grande a pequenez de nossos meios.”

¹⁷ PIKETTY, Thomas. *Capital e Ideologia*. Rio de Janeiro: Editora Intrínseca, 2020; cap 17

¹⁸ AQUINO JÚNIOR, Francisco de. *A Dimensão Sócio Estrutural do Reino de Deus*. São Paulo: Paulinas .p. 5.

Conforme Francisco de Aquino Júnior:

Que a vida humana e que a fé cristã, tenham uma dimensão social é algo que se aceita sem maiores dificuldades. Não há como negar a constituição e as implicações sociais da vida e da fé. É algo tão evidente que se impõe por si mesmo. O problema reside em saber em que consiste propriamente esta dimensão social, como vai se configurando e determinando (para o bem ou para o mal) nossa vida e nossa fé, no que diz respeito à ação pastoral da igreja, qual a natureza e a especificidade do que na Igreja do Brasil e da América Latina em geral, chamamos Pastoral Social.¹⁹

Segundo Aquino, de acordo com a fé cristã, a salvação está ligada aos atos praticados que tem consonância com as propostas de Cristo e não à recitação ou seguimento exterior de verdades e doutrinas sobre Deus, ou ainda a práticas de ritos salvíficos. Está ligada a um jeito de viver, a uma práxis. Claro que ela deve ser celebrada, rezada, mas fundamentalmente é necessária que seja vivida para que se conecte à construção do Reino de justiça e fraternidade, de misericórdia e paz, proposto por Jesus. “Não basta andar com Jesus no peito (Jesus é o Senhor, Jesus é 10 etc.), é preciso ter peito para andar com Jesus”.²⁰

Na América Latina, este seguimento de Jesus está intimamente ligado à Opção pelos pobres, promulgada na Conferência em Puebla e isto nos leva a interagirmos (agirnos inter conectados) com os mais pobres, intervindo (virmos caminhando junto) com eles, mas cuidando para não interferirmos (respeitar a cultura, a velocidade de engajamento e compreensão, evitando a abertura de feridas desnecessárias no modo de ser e viver das comunidades carentes que se organizam).

Nossa salvação está relacionada diretamente com a salvação de um coletivo maior, que se manifesta nas práticas da Igreja.

Ainda segundo Aquino:

A Igreja realiza sua missão própria de transformação das estruturas e realização da justiça social tanto através da ação/atividade dos cristãos individualmente considerados (modo de vida, participação direta ou indireta em organizações sociais ou políticas, cargos públicos e de governo, competência técnica etc.) quanto através da ação/atividade de comunidades/grupos cristãos (vivência comunitária, anúncio do Evangelho, formação de consciência, ação pastoral, denúncias das injustiças, participação direta ou em apoio a lutas e organizações populares etc.) e mesmo do conjunto da Igreja, institucionalmente considerada (Pastorais e Organismos Sociais, trabalho de base, mobilizações de massa, denúncia das injustiças, participação ou apoio institucional/físico/material a causas e lutas populares etc.).²¹

¹⁹ Id, p. 15.

²⁰ Id. p. 20.

²¹ AQUINO JÚNIOR, Francisco de. *A Dimensão Sócio Estrutural do Reino de Deus*. São Paulo: Paulinas. p. 191

Toda a situação de pobreza da América Latina e particularmente do Brasil não ocorreu ou existe por acaso. Teve início com o projeto colonizador/expansionista europeu do século XVI ao qual nos habituamos a chamar de “descobrimento”, “colonização”, “civilização”. Este projeto, como era comum na época, acontecia através da espoliação das riquezas minerais e naturais dos locais “conquistados” (invadidos), imposição de novos costumes e cultura, sufocando totalmente as culturas locais e dizimando grande parte de suas populações. No Brasil, por exemplo, de acordo com Leonardo Boff²², em um século, 90% das populações indígenas de diversas etnias haviam sido dizimadas por doenças dos brancos, por assassinato direto, por superexploração no trabalho ou pelo desespero suicida.

Junto a este genocídio, a exploração econômica predatória: a extração e exportação das riquezas encontradas como madeira, ouro e demais pedras preciosas, sem as devidas compensações financeiras em obras e benefícios. Na sequência, as monoculturas exportadoras como cana de açúcar e café e ainda hoje um bom exemplo seriam o minério de ferro e a soja. Sempre sem as devidas compensações, deixando a cada vez mais e mais as populações locais na miséria.

Devemos ainda salientar a utilização da mão de obra escrava e a forma tardia e absurda como teve seu término. De um dia para outro, foram colocados nas ruas, sem trabalho, sem casa, sem forma de sobreviver, milhões de negros ex-escravos, sem nenhum tipo de indenização por seus anos de trabalho e a prevalência do pensamento dos antigos “senhores” de que estavam “fazendo uma bondade em libertá-los”, ou ainda o sentimento de que estavam tendo prejuízos, pois parte de “suas propriedades”, os negros, não lhes pertencia mais. São enormes dívidas históricas com as quais a nação tem de conviver e que, sem dúvida, são parte significativa da situação de pobreza e miséria na qual o Brasil ainda vive.

Atualmente, continuamos sendo explorados, não mais por nações conquistadoras, mas por grandes conglomerados financeiros mundiais, que detêm a maioria de tudo o que se produz e/ou se comercializa por aqui.

A questão que nos interessa no momento é que as igrejas foram (e muitas ainda são) cúmplices destes projetos genocidas de conquista e exploração das populações mais frágeis, com menos recursos financeiros, menos armas, menos tecnologia, menos “estudos”, menos condição de enfrentamento direto. Já no século XVI, nas caravelas, com a espada, veio também a cruz, na expectativa de “salvar as almas” das populações pagãs.

²² BOFF, Leonardo. *América Latina: Da conquista à nova evangelização*. São Paulo: Ática, 1992. p. 55.

Não devemos julgar a história com as ferramentas de análise atuais, sem considerar as condições da época. Que a mentalidade colonizadora era também incorporada e coniventemente assumida por parte da igreja, é verdade, mas não nos esqueçamos, por exemplo, das Missões Jesuíticas e suas comunidades Guaranis de resistência. Objetivamente havia condições de se interpretar a mensagem de Jesus de uma forma diferente da que foi amplamente difundida e aplicada e que ajudou a construir a situação de miséria atual.

As lições da história deveriam, no mínimo, nos questionar sobre o papel atual dos cristãos. São milhares de igrejas evangélicas e milhares de paróquias católicas difundindo e reforçando o neocolonialismo, o neoliberalismo, divulgando a ideia de uma salvação resignada e resignadora na “outra vida”, numa situação após a morte, que diferentemente de Jesus não leva as pessoas a se reconhecerem como filhas e filhos de Deus, com direitos e deveres para com os irmãos, principalmente os em situação de vulnerabilidade.

Boff lembra que havia, em contraposição à visão das Caravelas, a visão dos que estavam na Praia. A leitura feita a partir das vítimas foi de “invasão, intrujice, negação dos sujeitos históricos, escravidão, destruição, genocídio, ecocídio e estabelecimento de um sistema de colonização e neocolonização e incorporação dependente, que perduram até nossos dias.”²³

Esta visão, dos que estavam na praia, precisa ser resgatada e reafirmada, para que se tenham subsídios de compreensão da realidade que nos levem a trabalhar pela mudança da mesma.

Ainda Leonardo Boff nos diz que:

[...] faz mister viver uma comunhão aberta a todos os focos produtores de sentido, a tudo o que for nobre e profundo no mistério humano. Num mundo ameaçado ecologicamente, a questão não reside em decidir que futuro possui o cristianismo, mas responder em que medida o cristianismo ajuda a salvaguardar o criado e garantir a vida em suas várias formas e em seu mistério.²⁴

Volto aqui à nossa perspectiva inicial. A base do cristianismo é a “revolução salvadora” de Jesus Cristo: Inversão de valores, denúncia de situações de injustiças, curas de “cegueiras”, restituição à vida e à possibilidade de se fazer diferente, busca da realização do Reino de Deus, vivência da novidade do Evangelho, a realização da “salvação”.

Mas afinal, o que se entende por salvação? Em meio a tanta pobreza e miséria, salvar a quem e do que?

²³ BOFF, Leonardo. *América Latina: Da conquista à nova evangelização*. São Paulo: Ática, 1992. p. 56.

²⁴ Id. 141

3. A SALVAÇÃO E A PRIORIDADE EVANGÉLICA DOS POBRES

Dizer que fora dos pobres há ou não salvação é um discurso desfocado, pois nem todos entendemos da mesma forma em que consiste a salvação pregada por Jesus. Desde o início da Igreja, os Santos Padres tiveram uma visão bem clara da ligação intrínseca entre a salvação e os pobres. Apenas a título de exemplo, vejamos o que disse Gregório de Nissa em seu sermão “Sobre o amor aos pobres e a beneficência”.²⁵

Com palavras apenas, não se enriquecem os necessitados, dêem-lhes casa, leito, e mesa, é isto a palavra de Deus, anterior aos séculos. Pela palavra amiga, cultiva com os teus bens aquilo que atende às necessidades. Aproxima-te destes outros pobres enfermos e que jazem por terra. Cada um procure interessar-se pelos vizinhos. Não deixes para outro o cuidar do que te está próximo. Não arrebate outro o tesouro que te está reservado. Abraça o infeliz como se fosse ouro. Leva nos braços o alquebrado para a tua própria saúde, a salvação de tua esposa, dos filhos, dos servos, de toda a família.

Buscando um maior entendimento a respeito, pesquisemos o que dizem os diversos documentos oficiais da Igreja. Afinal o tema é bastante complexo, pois se trata de como compreender nossa relação com a salvação, ou seja, escatologicamente, como vivenciar a plenitude da presença de Deus, antes e/ou depois da nossa morte física.

Segundo o Catecismo da Igreja Católica (CIC)²⁶, a introdução de sua segunda parte diz que o Pai doa à humanidade para a sua salvação a encarnação de seu Filho e a presença do Espírito Santo.

No Símbolo da Fé, a Igreja confessa o mistério da Santíssima Trindade e o seu “desígnio admirável” (Ef 1, 9) sobre toda a criação: o Pai realiza o “mistério da sua vontade”, dando o seu Filho muito amado e o seu Espírito Santo para a salvação do mundo e para a glória do seu nome. Tal é o mistério de Cristo, revelado e realizado na história segundo um plano, uma “disposição” sabiamente ordenada, a que São Paulo chama “a economia do mistério” (Ef 3, 9) e a que a tradição patrística chamará “a economia do Verbo encarnado” ou “economia da salvação”.(CIC 1066)

Ainda de acordo com o mesmo Catecismo, no Capítulo III, da Segunda Seção da Primeira Parte encontramos que a salvação está ligada ao amor de Deus por nós e que chegaremos a ela pelo conhecimento da verdade através do seu Espírito.

²⁵ NISSA, Gregório de. *Os padres da Igreja e a Questão Social: Homilia de Gregório de Nissa*. Petrópolis: Vozes, 1986. p. 26.

²⁶ CATECISMO da Igreja Católica. São Paulo: Loyola; São Paulo: Ave Maria; Petrópolis: Vozes; São Paulo: Paulinas; São Paulo: Paulus, reimpressão 2003.

É ao *amor* de Deus por todos os homens que, desde sempre, a Igreja vai buscar a obrigação e o vigor do seu ardor missionário: “Porque o amor de Cristo nos impele...” (2 *Cor* 5, 14) (348). Com efeito, “Deus quer que todos os homens sejam salvos e cheguem ao conhecimento da verdade” (1 *Tm* 2, 4). Deus quer a salvação de todos, mediante o conhecimento da *verdade*. A salvação está na verdade. Os que obedecem à moção do Espírito da verdade estão já no caminho da salvação. Mas a Igreja, à qual a mesma verdade foi confiada, deve ir ao encontro dos que a procuram para levar-lhes esta verdade. É por acreditar no desígnio universal da salvação que a Igreja deve ser missionária. (CIC 851)

Nos trechos do Catecismo da Igreja Católica citados acima, podemos verificar a ênfase dada à Trindade e à Verdade como premissas para a salvação. Porém, cabem ainda interpretações espiritualistas e vagas quanto à presença da Trindade e o conhecimento da Verdade nas práticas dos cristãos. Era necessária uma explicitação maior do Catecismo, ou seja, quanto ao amor de Deus manifestado concretamente no amor aos pobres. Se Deus quer a salvação de todos mediante o conhecimento da verdade, para conhecer esta verdade, somos impelidos por Jesus ao encontro dos pobres, primeiramente pela justiça e depois pela caridade. O reconhecimento de Jesus de seus eleitos se dará explicitamente pelo que tiverem feito aos pobres. Esta afirmação fica identificada com clareza nos cânones que se seguem. No 2443, é claramente explicitada a presença do Cristo nos pobres e no que é feito a eles.

Deus abençoa os que ajudam os pobres e reprova os que deles se afastam: “Dá a quem te pede; não voltes as costas a quem pretende pedir-te emprestado” (*Mt* 5, 42). “Recebestes gratuitamente; pois dai também gratuitamente” (*Mt* 10, 8). É pelo que tiverem feito pelos pobres, que Jesus reconhecerá os seus eleitos. Quando “a boa-nova é anunciada aos pobres” (*Mt* 11, 5), é sinal de que Cristo está presente. (2443).

No cânon seguinte, o Catecismo chama a atenção de que a tradição da Igreja se expressa continuamente pelo amor aos pobres e citando o evangelho das “bem-aventuranças”, insiste que o motivacional do cristianismo deve ser o trabalhar para “fazer o bem socorrendo os necessitados” e não cita outras práticas devocionais que não sejam dirigidas a eles.

O amor da Igreja pelos pobres [...] faz parte da sua constante tradição. Esse amor inspira-se no Evangelho das bem-aventuranças, na pobreza de Jesus e na sua atenção aos pobres. O amor dos pobres é mesmo um dos motivos do dever de trabalhar: para “poder fazer o bem, socorrendo os necessitados”. E não se estende somente à pobreza material, mas também às numerosas formas de pobreza cultural e religiosa. (2444)

Na sequência, o catecismo fica ainda mais explícito e incisivo com relação ao uso egoísta das riquezas. Citando explicitamente a carta de Tiago, nomina a perdição dos ricos e reforça ainda mais a desgraça sobre os que enriqueceram não pagando salários justos e se aproveitando dos pobres. Chama ainda a atenção de que Deus está atento a toda esta injustiça e

opulência e que Ele claramente vai se opor a isto. Podemos, sem dificuldade, perceber a “não salvação” ou a “perdição” destes ricos aqui citados.

O amor dos pobres é incompatível com o amor imoderado das riquezas ou com o uso egoísta das mesmas: “E agora, ó ricos, chorai em altos brados por causa das desgraças que virão sobre vós. As vossas riquezas estão podres e as vossas vestes roídas pela traça. O vosso ouro e a vossa prata enferrujaram-se e a sua ferrugem servirá de testemunho contra vós e devorará a vossa carne como o fogo. Entesourastes, afinal, para os vossos últimos dias! Olhai que o salário que não pagastes aos trabalhadores que ceifaram os vossos campos está a clamar: e os clamores dos ceifeiros chegaram aos ouvidos do Senhor do universo! Tendes vivido na terra entregues ao luxo e aos prazeres, cevando assim os vossos apetites para o dia da matança! Condenastes e destes a morte ao inocente, e Deus não vai opor-se?” (Tg 5, 1-6). (2445)

No cânon seguinte, o Catecismo cita São João Crisóstomo com suas duras palavras aos ricos, dizendo que roubam dos pobres quando não os deixam usufruir também de suas riquezas. Aqui fica muito clara a ideia de que aquilo que é excesso na casa de um rico não lhe pertence e se está em sua casa é, pois, uma apropriação indébita, retirada de algum pobre. É a ideia da partilha bem acentuada e a denúncia da falsa caridade ou misericórdia que de fato é a devolução ao pobre daquilo que não pertence ao rico que lhe tem a posse incorretamente.

São João Crisóstomo lembra com vigor: «Não fazer os pobres participar dos seus próprios bens é roubá-los e tirar-lhes a vida. Não são nossos, mas deles, os bens que aferrolhamos». «Satisfaçam-se, antes de mais, as exigências da justiça e não se ofereça como dom da caridade aquilo que é devido a título de justiça»: «Quando damos aos indigentes o que lhes é necessário, não lhes ofertamos o que é nosso: limitamos a restituir-lhes o que lhes pertence. Mais do que praticar uma obra de misericórdia, cumprimos um dever de justiça». (CIC 2446)

Neste ponto, o Catecismo abre subliminarmente a discussão sobre a pobreza espiritual e material. Cita as obras de misericórdias espirituais de conselho, consolo, conforto, mas citando novamente a carta de Tiago, chama a atenção que de nada valem estes consolos se não propiciarmos aos pobres o necessário para o corpo, lhe protegendo do frio, para lhe matar a fome. O Catecismo vai delineando passo a passo a dificuldade de salvação dos ricos, pela dificuldade que os mesmos têm de partilhar as suas riquezas e facilidades. A citação da fala de João Batista no evangelho de Lucas a respeito de dar uma das duas túnicas e dividir a alimentação com os famintos não deixa dúvida a respeito do que se refere o Catecismo.

As obras de misericórdia são as ações caridosas pelas quais vamos em ajuda do nosso próximo, nas suas necessidades corporais e espirituais. Instruir, aconselhar, consolar, confortar, são obras de misericórdia espirituais, como perdoar e suportar com paciência. As obras de misericórdia corporais consistem nomeadamente em dar de comer a quem tem fome, albergar quem não tem teto, vestir os nus, visitar os doentes e os presos, sepultar os mortos. Entre estes gestos, a esmola dada aos pobres é um dos

principais testemunhos da caridade fraterna e também uma prática de justiça que agrada a Deus:

“Quem tem duas túnicas reparta com quem não tem nenhuma, e quem tem mantimentos, faça o mesmo” (Lc 3, 11). “Dai antes de esmola do que possuis, e tudo para vós ficará limpo” (Lc 11, 41). “Se um irmão ou uma irmã estiverem nus e precisarem do alimento quotidiano, e um de vós lhe disser: "Ide em paz; tratai de vos aquecer e de matar a fome", mas não lhes der o que é necessário para o corpo, de que lhes aproveitará?” (Tg 2, 15-16). (2447)

Esta sequência é coroada no texto com a explícita necessidade de salvação àqueles que por suas riquezas, vivem no pecado do egoísmo. E mostra que o caminho único é o seguimento do Cristo, que se fez o menor, se identificou com os últimos, embora fosse, sem dúvida, o maior, o mais poderoso, o mais capaz. Àqueles que discordam da opção preferencial da Igreja pelos pobres, vale entender que aderir a esta posição da Igreja é encontrar para si mesmo a salvação, citada aqui nestes trechos do Catecismo como alternativa única.

Sob as suas múltiplas formas: indigência material, opressão injusta, doenças físicas e psíquicas, e finalmente a morte, a *miséria humana* é o sinal manifesto da condição congênita de fraqueza em que o homem se encontra desde o primeiro pecado e da necessidade que tem de salvação. Foi por isso que ela atraiu a compaixão de Cristo Salvador, que quis tomá-la sobre Si e identificar-Se com os “mais pequenos de entre os seus irmãos” (Mt 25, 40-45). É por isso, os que se sentem acabrunhados por ela são objeto de *um amor preferencial* por parte da Igreja que, desde o princípio, apesar das falhas de muitos dos seus membros, nunca deixou de trabalhar por aliviá-los, defendê-los e libertá-los; fê-lo através de inúmeras obras de beneficência, que continuam indispensáveis, sempre e em toda a parte (2448).

Saindo do Catecismo, baseados em documentos do Concílio Vaticano II, podemos abordar outra questão bastante problemática quando se fala em salvação nos meios cristãos. Sempre se discutiu e ensinou a salvação como algo individual, que cada pessoa consegue ou não, por seus méritos ou graça, mas sem a participação da comunidade onde está inserida. Se queremos entender melhor o que é salvação e como ela se opera, é interessante aprofundarmos, por exemplo, trecho da Constituição Dogmática *Lumen Gentium*²⁷, lemos:

Em todos os tempos e em todas as nações foi agradável a Deus aquele que O teme e obra justamente (cfr. Act. 10,35). Contudo, aprouve a Deus salvar e santificar os homens, não individualmente, excluída qualquer ligação entre eles, mas constituindo-os em povo que O conhecesse na verdade e O servisse santamente... (9)

²⁷ <https://www.puc-campinas.edu.br/wp-content/uploads/2016/03/NFC-Constituicao-Dogmatica-lumen-gentium.pdf>

A Constituição Pastoral *Gaudium et Spes*²⁸, ensina que a esperança escatológica não deve desviar a atenção do homem de suas tarefas terrenas de construção, e manutenção dos fundamentos divinos ensinados por Jesus. Ressalta ainda que o amor paternal de Deus pressupõe que sejamos uma só família de irmãos e que o cuidar uns dos outros pela caridade é o cumprimento em plenitude da Lei.

Deus, que por todos cuida com solicitude paternal, quis que os homens formassem uma só família, e se tratassem uns aos outros como irmãos. Criados todos à imagem e semelhança daquele Deus que «fez habitar sobre toda a face da terra o inteiro género humano, saído dum princípio único» (Act. 17,26), todos são chamados a um só e mesmo fim, que é o próprio Deus.

E por isso, o amor de Deus e do próximo é o primeiro e maior de todos os mandamentos. Mas a Sagrada Escritura ensina-nos que o amor de Deus não se pode separar do amor do próximo, “...todos os outros mandamentos se resumem neste: amarás o próximo como a ti mesmo... A caridade é, pois, a lei na sua plenitude” (Rom. 13, 9-10; cfr. 1 Jo. 4,20). Isto revela-se como sendo da maior importância, hoje que os homens se tornam cada dia mais dependentes uns dos outros e o mundo se unifica cada vez mais (24).

No capítulo segundo do documento da Conferência Episcopal Latino-Americana de Puebla²⁹, encontramos explicitamente o ensinamento de que a salvação que tem sua plenitude na eternidade, se inicia certamente nesta vida. Esta iniciação se dá no reconhecimento da encarnação do Cristo e no seguimento de seus exemplos, no acolhimento da Boa Nova, na libertação do que oprime o homem.

A salvação que Cristo nos oferece dá sentido a todas as aspirações e realizações humanas, mas questiona-as e excede-as infinitamente. Embora “comece certamente nesta vida, tem sua plenitude na eternidade” (EN 27). Origina-se em Cristo, em sua encarnação, em toda a sua vida e alcança-se de maneira definitiva, em sua morte e ressurreição. Prossegue na história dos homens pelo mistério da Igreja sob o influxo permanente do Espírito que a precede, acompanha e lhe dá fecundidade apostólica. (353)

Esta mesma salvação, centro da Boa Nova é “libertação do que oprime o homem, mas sobretudo libertação do pecado e do maligno, na alegria de se conhecer a Deus e de ser conhecido por ele, de a pessoa o ver e de se entregar a ele” (EN 9). (354)

O Documento de Aparecida, texto conclusivo da V Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano e do Caribe³⁰ tem vários artigos mencionando as formas e critérios de salvação. Chama a atenção que a missão primária da Igreja é anunciar o Evangelho ressaltando

²⁸ www.vatican.va/archive/hist_councils/ii_vatican_council/documents/vat-ii_const_19651207_gaudium-et-spes_po.html

²⁹ http://portal.pucminas.br/imagedb/documento/DOC_DSC_NOME_ARQUI20130906182452.pdf

³⁰ http://www.dhnet.org.br/direitos/cjp/a_pdf/cnbb_2007_documento_de_aparecida.pdf

que o individual precisa ser entendido no contexto sócio cultural em que se vive, com seus desafios, soluções e problemas.

A missão primária da Igreja é anunciar o Evangelho de maneira tal que garanta a relação entre a fé e a vida tanto na pessoa individual como no contexto sócio-cultural em que as pessoas vivem, atuam e se relacionam entre si. Assim, a Igreja “procura transformar, mediante a força do Evangelho, os critérios de juízo, os valores determinantes, os pontos de interesse, as linhas de pensamento, as fontes inspiradoras e os modelos de vida da humanidade que estão em contraste com a Palavra de Deus e o desígnio de salvação”. (331)

Ainda ressalta o documento a desorientação dos cristãos com relação à salvação frente às propostas sociais da modernidade, que não levam em consideração a dignidade de todo e qualquer homem. Lembra que, para anunciar profeticamente Jesus hoje, o cristão precisa enfrentar a cultura de morte que não leva em conta o princípio básico da solidariedade. Não se trata de ficar agarrado ao passado, mas dentro da modernidade, com criatividade, anunciar as verdades cristãs se utilizando dos talentos com os quais Deus dotou cada um de nós.

Muitos católicos se encontram desorientados frente a essa mudança cultural. Compete à Igreja denunciar claramente “estes modelos antropológicos incompatíveis com a natureza e dignidade do homem”. É necessário apresentar a pessoa humana como o centro de toda a vida social e cultural, resultando nela: a dignidade de ser imagem e semelhança de Deus e a vocação de ser filhos no Filho, chamados a compartilhar sua vida por toda a eternidade. A fé cristã nos mostra Jesus Cristo como a verdade última do ser humano, o modelo no qual o ser humano se realiza em todo o seu esplendor ontológico e existencial. Anunciá-lo integralmente em nossos dias exige coragem e espírito profético. Neutralizar a cultura de morte com a cultura cristã da solidariedade é imperativo que diz respeito a todos nós e que foi objetivo constante do ensino social da Igreja. No entanto, o anúncio do Evangelho não pode prescindir da cultura atual. Esta deve ser conhecida, avaliada e em certo sentido assumida pela Igreja, com linguagem compreendida por nossos contemporâneos. Somente assim a fé cristã poderá aparecer como realidade pertinente e significativa de salvação. Mas essa mesma fé deverá gerar modelos culturais alternativos para a sociedade atual. Os cristãos, com os talentos que receberam, talentos apropriados deverão ser criativos em seus campos de atuação: o mundo da cultura, da política, da opinião pública, da arte e da ciência. (480)

O objetivo deste capítulo era refletir sobre como a Igreja, seus documentos e sua doutrina compreendem e pregam a salvação. Pelo exposto fica bem claro que a compreensão de salvação transcende posições individualistas, se remete ao convívio e ao posicionamento do fiel nos grupos em que está inserido e depende fundamentalmente de suas práticas frente aos pobres e seu posicionamento frente à pobreza. O aprofundamento desta compreensão dos documentos e a corajosa divulgação dos mesmos, prestará um grande serviço nas Comunidades, uma vez que, muitos cristãos de boa vontade carecem de, ao menos uma vez, ter visto esta

abordagem. Desta forma, com a Igreja que celebra, chega o cumprimento da esperança do pobre e o desejo da salvação. Anunciando Jesus, neutralizamos a cultura da morte e da violência, com a cultura da solidariedade e da misericórdia.

Vistos alguns documentos oficiais da igreja, mais recentes, busquemos agora compreensão na fonte do Evangelho. Primeiramente analisemos o evangelho de Lucas, uma vez que é o evangelho que mostra com mais profundidade a figura do Deus misericordioso, que leva os cristãos à salvação não por obediência aos mandamentos, mas pelo cuidar dos humanos.

Segundo François Bovon,³¹ no evangelho de Lucas, a preocupação de Jesus com as mulheres, com as crianças, com todos os abandonados, a reflexão sobre a pobreza e os fracos, trazem uma atitude totalmente nova no mundo de então. E ainda de acordo com Massimo Grilli³², os pobres são parte fundamental no projeto salvífico pois condensam todo o dinamismo de ser e trabalhar de Jesus, como presença, carinho e vontade encarnada do Pai.

Vamos então analisar o capítulo 16, versículos 19 a 31, a parábola do pobre Lázaro e do rico (epulão). A parábola está situada na seção que vai de 9,51 a 19,27, que é a narrativa da viagem teológica-catequética de Jesus, da Galileia à Jerusalém. Segundo o Pe. José Bortolini, nesta viagem são apresentados os riscos e as exigências do ser cristão, riscos estes que são os mesmos do Mestre. A parábola é uma provocação, pois culmina em Jerusalém, onde os poderes político e religioso se unem, acusam injustamente Jesus, o condenam, o submetem à tortura e o crucificam. Mas Ele ressuscita vitoriosamente! Fica então “plantado” um desafio para as Comunidades, que é o de seguir o exemplo de Jesus na partilha, se necessário, de sua própria vida.³³

Ainda o Pe. Bortolini nos mostra que no versículo 19 do capítulo 16, Lucas nos apresenta um rico (sem nome) que se vestia de púrpura e linho fino e cada dia se banqueteara com requinte, lembrando-nos que vestir-se de púrpura e linho fino, era para poucos, uma vez que, eram artigos de luxo, importados da Fenícia e do Egito.³⁴

No versículo 20, Lucas apresenta o pobre (que tem nome), Lázaro, em total marginalidade: coberto de feridas (= impuro, cf. Jó 2,7-8) e faminto. No versículo 21, Lucas complementa que Lázaro queria saciar sua fome com o que caía da mesa do rico. E Bortolini explica, mais uma vez, que não se trata de migalhas que caíam eventualmente, mas do pedaço

³¹ BOVON, François. *El Evangelio Según San Lucas* (Lc 1,1 – 9,50). Ed. Sígueme: Salamanca, 2005. p. 43.

³² GÁNDARA, Daniel Landgrave e outros. *Riqueza y Solidaridad en la Obra de Lucas*. Ed Verbo Divino: España, 2006. p. 195.

³³ BORTOLINI, Padre José. *Roteiros Homiléticos*. São Paulo: Paulus, 2006. p. 684.

³⁴ Id. P. 685.

de pão que era usado para limpar pratos, mãos e boca e que depois era jogado sob a mesa.³⁵ Com esta referência, Lucas compara Lázaro aos cães que lhe lambiam as feridas, pois estes é que se alimentavam destes pães. Como se percebe, Lucas ressalta a total marginalidade e vulnerabilidade de Lázaro. E não nos esqueçamos que, ao contrário do rico “genérico”, o pobre tinha nome: “Lázaro” (Deus ajuda, Deus olha por ele, Deus cuida). O pobre era alguém concreto, nominado, existente, embora parecesse invisível ao rico. E, em um primeiro momento, parece que seu nome é uma ironia e não um desígnio, pois tão desamparado assim parecia esquecido por Deus.

O interessante é que as narrativas sobre os dois param aí. Onde estão as descrições de caráter e de comportamento? Onde estão as qualidades do pobre Lázaro? Onde o texto o qualifica como honesto, cumpridor das Leis, religioso, trabalhador, corajoso, solidário, caridoso, respeitador, coerente, agradecido?

E onde estão as qualificações negativas do tal rico genérico? Onde se diz que era desonesto, descumpridor das Leis e costumes, que negasse Javé, que não fosse religioso, que não frequentava o Templo e as Sinagogas, que fosse preguiçoso, incoerente, esbanjador, repressor, que humilhasse os pobres? Onde no texto diz que se recusou a dar comida a Lázaro? Talvez o máximo que possamos subentender, mesmo assim sem estar explícito, era que o rico fosse “socialmente cego”, no sentido de Lázaro nem ser visível a ele, fazer parte da turba de pobres pedintes, doentes e famintos, invisíveis para os ricos.

Não temos no texto nem qualificações de um e nem desqualificações do outro. O que temos no versículo seguinte, o 21, é que os dois morreram e que Lázaro foi para o seio de Abraão (expressão judaica que significa: “reunir-se a seus pais”, isto é, aos patriarcas, com intimidade e proximidade no banquete messiânico³⁶) e o rico foi sepultado (vulg.: foi sepultado no inferno³⁷)

Aqui entra a questão que desafia a nossa reflexão: se pessoalmente não se esclarecem ou descrevem qualidades ou defeitos pessoais, morais, religiosos de cada um, qual o critério utilizado para as destinações diferentes após a morte?

Está claro que estar ao lado de Abraão é estar salvo, ter obtido a salvação, o que ocorreu a Lázaro, e que o contraponto é o rico que encontrou a sua condenação eterna, pois foi “sepultado no inferno”, conforme nota na Bíblia de Jerusalém.

Mas qual teria sido o critério utilizado pelo “justo juiz”?

³⁵ Id. P. 685

³⁶ Bíblia de Jerusalém. São Paulo: Paulus, 2001. Lc 16, 22 nota c.

³⁷ Id. nota d.

Toda a nossa catequese tem sido baseada em questões de qualificação ou desqualificação pessoais éticas/morais. Razões do “não fazer”: não matar, não roubar, não levantar falsos testemunhos, não desejar os bens materiais do próximo, não assediar a mulher do outro... Pelo texto, o rico não praticou nenhuma das razões de condenação descritas. Então, por que foi condenado?

Quanto ao pobre Lázaro, não está escrito que “amasse a Deus sobre todas as coisas”, “que não utilizasse o nome de Deus em vão”, que guardasse o dia do Senhor e ainda os dias santificados pelas festas, que fosse solidário com seus irmãos dividindo mesmo os poucos alimentos que conseguisse durante o dia. Então, por que obteve a salvação?

Nesta abordagem parece ir ficando claro que o critério foi o da situação social de cada um e não qualquer qualificação ou desqualificação que tivessem. O pobre sofredor, que em vida padece a cruz, já está salvo, O rico, de boa vida, já está condenado.

Abre-se, no entanto, “uma janela” a partir do ensinamento de Jesus sobre o uso apropriado da riqueza. Segundo Bergant e Karris³⁸, o rico, desatento às necessidades do pobre à sua porta, perdeu a oportunidade presente de construir seu futuro salvífico na eternidade. A não acolhida à situação do pobre, através do uso dos bens materiais que dispunha, lhe colocaram na condição de mau intendente, ou seja, não percebeu que a transitoriedade dos bens materiais que lhe tinham sido legados, se bem administrados, em favor da justiça e da misericórdia, poderiam levá-lo à perene situação de salvação no seio de Abraão.

Ainda de acordo com Bergant e Karris³⁹, “o rico agora está na “morada dos mortos”, *Sheol ou Hades* (em grego). É um lugar irremediavelmente separado do lugar da felicidade com Abraão, embora não seja sinônimo de nosso “inferno”.

Em meio a tormentos, o rico levanta os olhos e vê ao longe Lázaro ao lado de Abraão. Esta situação fatalmente deve ter aumentado seu sofrimento, pois acostumado a ser o depositário do que é bom e agradável, sentir-se preterido era uma situação nova, incomodativa. E, curiosamente, o rico ainda pensa no pobre como alguém que deve lhe servir e faz duas solicitações: que Lázaro lhe refresque a língua e depois que vá advertir os seus irmãos.⁴⁰

O primeiro pedido é recusado e a explicação do próprio Abraão é que o rico havia construído em vida um enorme abismo entre eles, uma impossibilidade de comunhão que agora se tornara intransponível. Embora o rico chame Abraão por pai três vezes (vv. 24, 27, 30), esta

³⁸ BERGANT, Dianne CSA e KARRIS, Robert J. OFM. *Comentário Bíblico*. São Paulo: Edições Loyola, 1999. Vol 3. p 97

³⁹ Id. p 97

⁴⁰ Id p 97

filiação vem só pelo sangue (judaico de descendência) e não pelas práticas de misericórdia que ligam Abraão a seus verdadeiros filhos.

Bortolini observa que no versículo 26, Abraão se dirige ao rico no plural: “entre nós e vós existe um grande abismo”; “vocês ...não poderia atravessar...” Mais uma vez se caracteriza que a situação do rico não é de individualidade e sim que ele representa toda uma classe de abastados que vivem considerando a invisibilidade dos pobres. Este rico é também a demonstração do sistema de cidades do tempo de Jesus (e nosso). “Baseado na concentração este sistema gerava uma massa de excluídos: mendigos, prostitutas, desempregados, bandidos que saqueiam para não morrer de fome... Ao passo que o sistema de aldeias (das pequenas Comunidades atuais), era baseado na partilha e na solidariedade, impedindo que alguém caísse na marginalidade e exclusão”.⁴¹

O segundo pedido do rico, expresso nos versículos 27 e 28, é que Abraão envie Lázaro à casa de seus cinco irmãos e leve a eles o testemunho para que não tenham o mesmo fim. De 29 a 31 Abraão responde que de nada adiantará, pois eles têm o testemunho dos profetas e não se deixaram convencer. E numa insinuação à ressurreição de Jesus, conclui que mesmo que alguém ressuscite dos mortos eles não se convencerão.

Bortolini salienta que:

[...] de fato a Lei e os profetas (isto é, todo o Antigo Testamento) exigiam igualdade e fraternidade entre todos. E Lázaro não era certamente o único pobre a lhes aguçar a consciência (cf. Dt15,11: Nunca deixará de haver pobres na Terra; é por isto que eu lhes dou esta ordem: abra a mão em favor do seu irmão, do seu indigente e do seu pobre, na terra onde você mora).⁴²

É bem significativa a afirmação do versículo 31: “Mas Abraão lhe disse: ‘Se não escutam nem a Moisés e nem aos profetas, mesmo que alguém ressuscite dos mortos, não se convencerão’”.

Embora esta seja uma afirmação taxativa e bastante pessimista em relação à salvação dos ricos, Bortolini afirma, voltando ao tema geral da viagem de Jesus a Jerusalém, que enquanto a ganância imperar entre os fariseus, estarão fatalmente excluídos da salvação. Porém, aos que assumirem as opções de Jesus, vivendo a partilha de bens (At 2, 42-47 e At 5 1-11) poderão se salvar. Mas que é preciso discernir e tomar partido logo.⁴³

⁴¹ BORTOLINI, Padre José. *Roteiros Homiléticos*. São Paulo: Paulus, 2006. p. 685.

⁴² Id p 686

⁴³ BORTOLINI, Padre José. *Roteiros Homiléticos*. São Paulo: Paulus, 2006. p. 686.

Dentro da mesma percepção, analisemos o texto de Lc 10, 25-37, conhecida como a Parábola do Bom Samaritano.

Bergant e Carris, em seu Comentário Bíblico⁴⁴ chamam a atenção para o jogo de situações que Jesus faz quando é questionado por um doutor da lei sobre a sua própria salvação. Afinal a história é um:

[...] exemplo expressivo da concretização do mandamento do amor. A pergunta do legista subentende que alguém não é o meu próximo. A história de Jesus responde que não há ninguém que não seja meu próximo. Próximo não é questão de laços sanguíneos nem de nacionalidade, nem de comunhão religiosa; é determinado pela atitude de um indivíduo para com os outros.

Novamente entra aqui a questão da salvação enquanto uma busca intelectual e espiritual desencarnada. Passaram pelo homem caído pessoas da liderança do judaísmo, altamente versados nas leis a serem seguidas, afinal eram um sacerdote e um levita. Mas de fato, quem cumpriu com sua prática à lei, foi alguém desprezível a eles, considerado judeu de segunda categoria.

É importante ficarmos atentos que a parábola é cercada de duas perguntas bem claras. Na primeira, expressa no versículo 25, do capítulo 10, do evangelho de São Lucas, um legista se levantou e disse para experimentar Jesus: “Mestre, que farei para herdar a vida eterna?” Na segunda pergunta, no versículo 36, depois de contar toda a história do homem espancado com atendimento ignorado pelo sacerdote e pelo levita e socorrido pelo samaritano, Jesus diz: “Em tua opinião, quem foi o próximo do homem que caiu nas mãos dos assaltantes? Quem foi o próximo do homem que estava caído lá na estrada? Quem foi o próximo do homem que estava caído quando cada um deles passou por aquela estrada?”.

Para Bortolini⁴⁵, esta parábola que é própria de Lucas, é uma complementação do Sermão da Planície: “Sejam misericordiosos como o Pai de vocês é misericordioso.” (Lc 6, 36). A misericórdia, depende mais da sensibilidade para com os necessitados do que de um código de leis que pode ser interpretado e reinterpretado de acordo com a ocasião.

Podemos então entender que para a salvação não é necessário ou suficiente que se conheça de cor e se recite os códigos de leis como respondeu o legista: “Amarás o senhor teu Deus, de todo o teu coração, de toda a tua alma, com toda a tua força e de todo o teu

⁴⁴ BERGANT, Dianne CSA e KARRIS, Robert J. OFM. *Comentário Bíblico*. São Paulo: Edições Loyola, 1999. Vol 3. p 90.

⁴⁵ BORTOLINI, Padre José. *Roteiros Homiléticos*. São Paulo: Paulus, 2006. p. 637.

entendimento; e a teu próximo como a ti mesmo.” (Lc 10, 27). Para Bortolini, o que importa é a prática da misericórdia.

Bortolini ainda salienta o quanto os samaritanos são repudiados pelos judeus como hereges em termos de religião, como impuros em termos de raça, e como inimigos e marginalizados do ponto de vista social. Por serem marginalizados, tem sensibilidade para acolher os que estão em situações de vulnerabilidade. Se sentem espelhados e irmanados ali, na marginalidade, na situação do outro. Ainda é curioso observarmos, que o que estava caído lá era um judeu, não era outro samaritano. A que isto nos remete? Provavelmente estava caído ali alguém que também era inimigo dos samaritanos, os repudiava e difamava. Este judeu caído, foi rejeitado ou ignorado pelos seus pares e acolhido, resgatado, cuidado e amado por quem era seu inimigo.

Para Bortolini o samaritano não se fez a pergunta; “Quem é meu próximo?” Pelo contrário, em sua marginalização tinha um lema gravado em seu coração: “o que é meu pertence a você” e isto bastou.⁴⁶ “Por sua misericórdia o seu pior inimigo recuperou a vida. Não foi no Templo, no culto ou nos ritos que o samaritano encontrou a Deus (sua salvação), mas no inimigo à beira da morte.”⁴⁷

Ainda segundo Bortolini, é preciso ficar bem claro as três tentativas de se vivenciar a religião e, portanto, a salvação, descritas por Lucas: a primeira, do especialista em leis. Filtrando a religião através de leis e de estudos intelectualizados das mesmas, adequando-as às suas próprias crenças; a segunda, do levita e sacerdote que querem vivenciar a religião e encontrar a salvação no Templo, sem perceber que Deus já abandonara o Templo e seus cultos estéreis; e a terceira, a do samaritano que encontrou sua religião, seu Deus e sua salvação na identificação de seu pior inimigo como seu próximo, como seu irmão, como “aquele que estava caído lá”.⁴⁸

Na análise global desta perícopé sob a perspectiva da salvação, temos então as perguntas de abertura e fechamento:

- “Quem é meu próximo?” (29) Feita pelo legista.
- “Quem foi o próximo do homem que estava caído lá?” (36) Feita por Jesus.

A própria pergunta: “Quem é meu próximo?” (29b), no próprio texto colocada como “querendo se justificar”, demonstra quão longe da perspectiva de Jesus o legista está, quão longe de sua própria salvação. Fica clara qual é a preocupação do legista, com quem ele está

⁴⁶ BORTOLINI, Padre José. *Roteiros Homiléticos*. São Paulo: Paulus, 2006. p. 638.

⁴⁷ BORTOLINI, Padre José. *Roteiros Homiléticos*. São Paulo: Paulus, 2006. p. 638.

⁴⁸ Id.

preocupado. Quem é o meu próximo? O que interessa a ele é a si próprio, sua preocupação está centralizada em seu egoísmo, em sua forma de ver o mundo, a religião e a salvação em torno de si mesmo.

A pergunta de Jesus é demolidora destas convicções. “Quem foi o próximo do sujeito que está caído lá?” Toda a centralidade de Jesus está no sujeito que está caído lá. É no sujeito que está caído lá que devemos colocar nosso foco. É no sujeito que está caído lá que está a nossa religião. É no sujeito que está caído lá que vamos encontrar com Deus. É no sujeito caído lá que vamos encontrar a salvação.

Neste sentido, o jogo que Lucas faz entre as duas perguntas é fundamental para entendermos o que Jesus propõe. Se é no “sujeito caído lá” que se encontra a possibilidade de, no encontro com Deus, ir construindo a salvação, embora o caído fique grato pela assistência”, muito mais grato precisa ficar aquele que pela oportunidade que “o caído” lhe deu, pode se aproximar de Deus e da sua própria salvação. Abre-se assim claramente a cortina da perspectiva de que a “salvação” não é uma “conquista individual” de puros e “santos”, mas uma construção coletiva de uma sociedade que se organiza em torno da justiça e da misericórdia.

4. “FORA DOS POBRES NÃO HÁ SALVAÇÃO”, A COMPREENSÃO DO ENSAIO UTÓPICO-PROFÉTICO DE JON SOBRINO

Jon Sobrino inicia sua reflexão citando Ignacio Ellacuría⁴⁹, se referindo a possibilidade de se mudar a situação de miséria dos povos latino-americanos como única e exclusivamente, partindo de dentro deles mesmos.

Só utópica e esperançosamente se pode crer e ter coragem para tentar, com todos os pobres e oprimidos do mundo, reverter a história, subvertê-la e lançá-la noutra direção (...) O que em outra ocasião chamamos de análise copro-histórica, quer dizer, o estudo das fezes da nossa civilização, parece mostrar que esta civilização está gravemente enferma e que, para evitar um desenlace fatídico e fatal, é necessário tentar mudá-la a partir de dentro dela mesma.⁵⁰

Esta civilização, baseada na acumulação de riquezas por grupos cada vez menores, chamada por Ellacuría de “civilização do capital”, nada mais é do que o capitalismo como se apresenta hoje, trasvestido de uma roupagem chamada de neoliberalismo. O convencimento das massas se faz através de um discurso de “civilização globalizada” e os pobres são convencidos através de pequenas benesses como acesso a alguns eletrodomésticos, e a algumas redes sociais via internet, de que estão “desfrutando” das riquezas que produzem e que fazem parte de um bem maior. De fato, aos poucos, vai ficando claro que este distanciamento entre ricos e pobres não só é um absurdo ético, mas também economicamente inviável.

Em primeiro lugar, é necessário que existam “consumidores” com uma capacidade, mesmo que mínima, de consumirem o que se produz. Em segundo lugar, o arrocho das classes populares cria uma instabilidade comparada ao que se chama de “gato acuado”. O gato foge de seu perseguidor até que se vê acantado⁵¹ e sem para onde correr. Daí, mostra as garras e ataca. Podemos claramente detectar o aumento da população carcerária do país,⁵² que triplicou nos últimos vinte anos, sem que diminuíssem os crimes que continuam com suas taxas ascendentes. Conforme o Jornal do Comércio, de 13 de outubro de 2021, os índices de homicídios no Brasil

⁴⁹ ELLACURÍA, Ignacio. *Discurso em Barcelona*. 6 de novembro de 1989.

⁵⁰ SOBRINO, Jon.. El desafio de las mayorias pobres. *Estudios Centroamericanos* 493-494. 1968

⁵¹ Isolado em um canto, sem condições de fuga. (<https://www.dicio.com.br>)

⁵² A taxa de encarceramento a cada 100.000 habitantes, passou de 137 em 2000 para 368 em 2020. Gazeta do Povo, Brasília, 14 de fevereiro de 2020.

são cinco vezes maiores que a média global, atingindo, conforme dados da ONU, 31,1 pessoas a cada 100 mil habitantes.⁵³

Por mais estranho que possa parecer, vemos hoje que os ricos se encontram presos atrás dos muros, seguranças e alarmes de suas casas. Seus filhos já não podem brincar nas ruas, frequentar parques e só saem com seguranças particulares armados e em automóveis blindados. Tudo isto como resultado do que Ellacuría chama de “Civilização do Capital”, configurada em um dinamismo pecaminoso e excludente que prejudica a pobres e ricos.

Daí, sugere uma civilização diferente, baseada nas ideias cristãs de solidariedade, misericórdia, justa distribuição de riquezas, amparo aos que não podem mais produzir e atendimento às necessidades básicas de todos, que poderiam se denominar como “civilização do trabalho”.⁵⁴

Para Ellacuría, esta civilização do trabalho seria constituída a partir de modelos econômicos políticos e culturais opostos aos que geraram a civilização do capital e nasceria da contribuição das vítimas, dos pobres.

De acordo com o relatório da Oxfam, no mundo em 2021, morrem 11 pessoas por minuto, o que indica um aumento de cinco vezes desde o início da pandemia.⁵⁵ A entidade internacional avalia que cerca de 155 milhões de pessoas vivem em 2021 sob níveis de extrema insegurança alimentar, 20 milhões a mais que em 2020. No Brasil, no final de 2020, 116 milhões de pessoas (mais da metade da população) enfrentava algum nível de insegurança alimentar e destes, 20 milhões passam fome. Em um ano, o percentual da população que vive em extrema pobreza passou de 4,5% para 12,8%, ou seja, três vezes mais.⁵⁶ Segundo a FAO (Organização das Nações Unidas para Alimentação e Agricultura), a produção mundial é de 2,5 bilhões de toneladas de grãos, quantidade mais do que suficiente para alimentar todos os quase 8 bilhões de habitantes do planeta. Porém, a má distribuição, a ganância e os sistemas político-econômicos vigentes, deixam quase 1 bilhão destas pessoas passando fome.⁵⁷

Como vemos, a questão não está na produção em si e sim em outros fatores. Daí a declaração de um imigrante africano feita há mais de 30 anos, que diz não ser normal que vivamos assim e que estes sistemas injustos não devem ser apoiados com o nosso silêncio.⁵⁸

⁵³ Jornal do Comércio, Porto Alegre. 17 de maio de 2021.

⁵⁴ SOBRINO, Jon. Utopía y profetismo. Revista Latinoamericana de Teología 17 (1989) 170ss.

⁵⁵ DW. Notícias do Mundo. dw.com. 09/07/2021

⁵⁶ www.oxfam.org.br/publicacoes

⁵⁷ CANAL RURAL.bBlogs.canalrural.com.br 14 de agosto de 2018

⁵⁸ SOBRINO, Jon. *Fora dos pobres não há salvação*. São Paulo: Paulinas. 2008. p 70

Tanto a fome como as guerras e o comércio de armas, as migrações forçadas, doenças que não são erradicadas por interesse das indústrias farmacêuticas, proliferação de agrotóxicos, aumento do índice de suicídios, a dizimação da natureza por exploração desenfreada e a enorme alienação das populações através de divulgação de informações falsas, tudo isto, faz parte de uma grande estratégia de dominação, chamada capitalismo. Nada disto é natural ou ocorre por acaso. Existe de fato uma intenção, uma vergonhosa intenção onde ética e moralidade são expressões desconhecidas e que faz com que existam “ricos cada vez mais ricos, às custas de pobres cada vez mais pobres”, como já denunciado na Conferência em Puebla.

Existe uma tentativa de se caracterizar este sistema como um tipo especial de capitalismo, batizado de selvagem. Imaginando que seja verdade, onde se pode detectar o “outro capitalismo”? O sistema capitalista em si é o de acumulação de riqueza nas mãos de quem tem os meios de produção e mais ainda, os meios de comercialização e mais recentemente, os meios de informação.

Leonardo Boff, em seu livro “A Oração de São Francisco”, faz uma análise bastante interessante a respeito da compreensão da razão:

Das múltiplas dimensões da razão, privilegiou-se uma, a instrumental analítica, razão tecnológica com a qual se conseguiu em parte o domínio do mundo, a construção de máquina de morte que pode exterminar várias vezes a biosfera, e conseguiu também criar a penicilina e chegar à Lua. Mas este tipo utilitário de razão cobrou um preço excessivo. Ocasinou uma espécie de cegueira, verdadeira lobotomia no espírito humano, que ficou insensível à mensagem da beleza e da grandeza do universo. Fez-se cego ao mistério do real, colocando sob suspeita a emoção, o afeto, a ternura sob o pretexto de que impedem um conhecimento objetivo da realidade.⁵⁹

E frente a inúmeras estatísticas e análises da realidade, podemos citar a advertência de um missionário colombiano, nos anos oitenta, em Uganda: “As estatísticas não sangram, as pessoas sim”.⁶⁰

Podemos constatar facilmente que, grande parte do nosso povo, já vive a experiência dolorosa da crucificação e a omissão de muitos, a cegueira de alguns, a obtusidade por se deixarem levar por notícias falsas e seguirem mitos fabricados e inconsequentes, leva a situação a não se modificar. O fatalismo e a falsa consciência adquirida através de uma catequese equivocada, centralizada em si próprio e em uma espiritualidade desencarnada, faz com que também os seguidores de Jesus de Nazaré, não se sintam responsáveis e não se incomodem com

⁵⁹ BOFF, Leonardo. *A Oração de São Francisco*. Rio de Janeiro: Sextante. 1999. p 102.

⁶⁰ SOBRINO, Jon. *Fora dos Pobres não há salvação*. São Paulo: Paulinas. 2008 p 73

esta situação. Os cristãos se colocam então frente a uma situação bastante conflituosa com relação a como trabalhar na eliminação da pobreza, uma vez que, é uma situação de anti-Reino, uma situação não cristã. Com o tempo, algumas manifestações de não cristãos têm feito eco nos meios eclesiais como a de um alto funcionário da FAO que declarou que “solucionar o problema da fome não é hoje, substancialmente, problema econômico e nem político. É problema ético”.⁶¹

Como este são muitos os discursos sobre a erradicação da fome. Uma afirmação recorrente é que falta vontade política, o que nada mais é do que a tomada de decisão de pessoas que estão com o poder de decidir nas mãos. O porquê não o fazem, já é uma questão bem mais complexa. Já vimos anteriormente que se produzem alimentos capazes de suprir as necessidades de toda a população do planeta. E grande parte da população continua padecendo de fome e miséria. A perplexidade se dá na constatação que muitos que tem este poder, muitos dos que poderiam tomar as decisões para a erradicação da fome e da miséria e não as tomam, se entendem, ou ao menos se dizem, cristãos. Irene Khan, diretora da Anistia Internacional denuncia que “os governos perderam seu rumo moral” e Jean Ziegler complementa que “uma criança que morre de fome, morre assassinada”.⁶²

Socialmente se sucedem os discursos, linguagens e condenações superficiais e não objetivas, que não levam à solução do problema. O discurso da globalização como algo que inclui as pessoas é enganoso, pois na verdade, é exatamente a grande causa da exclusão. O capitalismo globalizante ou globalizado, abusa de termos como democracia, liberdade, protagonismo, para criar uma falsa impressão de que todos têm chances. Assim, se divulgam ideias de empreendedorismo, como se um carrinho de espetinho, numa esquina nos finais de tarde ou uma carrocinha de recolher reciclados nos lixos, fosse a solução para que os antigos “empregados” se tornassem patrões, ou “donos” do próprio negócio. Ou ainda as contratações através da MEIs (Micro Empresas Individuais), o que na verdade só “aliviam” os patrões de custos trabalhistas. Mas a globalização vende estas ideias como salvadoras e, infelizmente, muitas vezes a linguagem religiosa colabora com esta alienação impondo “subliminarmente que “algo bom” aconteceu”.⁶³

De fato, a globalização é o nome do capitalismo real de hoje e como realidade econômica produz ganhadores e perdedores, algozes e vítimas. Infelizmente, a acumulação de riquezas por alguns chega a ser “indecente”! De acordo com o relatório do Banco Credit Suisse, de junho de 2021, no Brasil, 1% da população detém metade das riquezas do país, ocupando o

⁶¹ SOBRINO, Jon. *Fora dos pobres não há salvação*. São Paulo: Paulinas. 2008 p 77.

⁶² Ibidem.

⁶³ SOBRINO, Jon. *Fora dos pobres não há salvação*. São Paulo: Paulinas. 2008 p 78.

Brasil o segundo lugar no mundo de maior desigualdade social. A nível global, os 10% mais ricos do mundo detém 82% da riqueza, enquanto os 50% mais pobres não atingem 1% da riqueza mundial.⁶⁴

Estes dados apenas ratificam a avaliação de Jon Sobrino de que a miséria no mundo não é um mero acaso, mas parte da estratégia de globalização capitalista. Um exemplo, podemos ver em uma costureira salvadorenha que ganha 29 centavos de dólar por cada camiseta que produz, camiseta esta que é vendida pela Nike à NBA por 45 dólares.⁶⁵

Até aqui, acompanhamos a reflexão de Jon Sobrino na definição clara de que pobre e pobreza estamos falando. Ao longo da história, inclusive na Igreja, se exaltou muito o pobre de espírito, o pobre existencial, o pobre solitário etc. Neste ensaio, porém, estamos nos referindo claramente ao pobre como aquele que carece dos meios mínimos de subsistência, que passa fome, que não tem moradia, que morre nas filas dos hospitais, que não tem acesso a postos dignos de trabalho, enfim, o pobre materialmente pobre, sobre o qual não existe qualquer dúvida diagnóstica sobre seu estado de pobreza de fato.

4.1. Necessidade de uma nova lógica para compreender a salvação.

Jon Sobrino, em seu “ensaio-profético”, partindo da absurda situação de distanciamento entre pobres e ricos, criada pelas formas sociais ao longo dos anos, investiga a possibilidade de encontrarmos nos pobres um potencial de salvação.

Para ele, não é que absoluta, automática e imediatamente já exista a salvação nos pobres, mas que fatalmente, sem os considerarmos, a salvação não existe e não acontecerá. Na experiência de cruz do pobre, existe a semente da proposta salvífica de Jesus. “Do mundo dos pobres e das vítimas pode vir cura para uma civilização gravemente enferma”.⁶⁶

Numa sociedade que valoriza tanto a cultura, o saber acadêmico, o poder e a riqueza, a afirmação de Sobrino “*extra pauperes nulla salus*” soa como um grande disparate e por isto mesmo se torna incomodativa e desafiadora. Por ser uma afirmação-limite, a contribuição dos pobres para a salvação precisa ser muito bem fundamentada e analisada para que tenha alguma credibilidade. O desafio é como romper a lógica dominante e estabelecida da civilização capitalista da riqueza.

⁶⁴ UOL. São Paulo. economia.uol.com.br. Acesso: 24/06/2021.

⁶⁵ SOBRINO, Jon. *Fora dos pobres não há salvação*. São Paulo: Paulinas. 2008 p 83

⁶⁶ SOBRINO, Jon. *Fora dos pobres não há salvação*. São Paulo: Paulinas. 2008 p 85

Sempre nos apontaram exemplos de ações de pessoas pobres roubando, matando, explorando seus semelhantes, como argumento de que estamos idealizando um pobre que não existe no estilo o “bom selvagem”. Seria bom sempre termos em mente em que condições aquele determinado indivíduo, qualquer que seja, estava colocado, quando agiu desta ou daquela forma. Os que trabalham “socialmente” ou “caritativamente” com os pobres na distribuição de alimentos, roupas, triagem para moradia etc, se ainda não estiverem “convertidos”, ainda tiverem o olhar eclesial “de ajudar os pobres”, provavelmente não vão conseguir enxergar além das aparências iniciais. Os que já experimentaram uma reflexão numa CEB (Comunidade Eclesial de Base), terão um olhar mais refinado e provavelmente conseguirão ver além da realidade fotográfica imediata.

Segundo Sobrino podemos destacar teologicamente três relações entre a salvação, a fé cristã e os pobres:⁶⁷

- 1- A “opção pelos pobres” pode levar à caridade, à compaixão e até à conversão radical, dependendo de como a entendemos e ou vivemos.
- 2- O questionamento primário: Por que Deus não intervém e acaba com a injustiça e a miséria do mundo inteiro?
- 3- A condenação ou salvação de cada um, depende da atitude que assumimos frente aos pobres. Como batizados, somos sacramento, ou seja, portadores da presença ou ausência de Deus onde estivermos. Assim, como agirmos frente aos pobres e às situações de injustiça que nos cercam, seremos portadores ou não, vivenciaremos ou não a salvação.

Mas aqui, Jon Sobrino dá mais um passo radicalmente diferente. Não se trata simplesmente da Opção pelos Pobres descrita em Medellín e Puebla, que orientava como devíamos agir em relação a eles. Agora é mudar a lógica. Por mais que pareça estranho ao nosso modo de pensar habitual, “deixar que dos pobres venha a salvação”.

É necessário além de agir em favor dos pobres, se perguntar o que posso saber, aprender, esperar, receber e celebrar vindo dos pobres.⁶⁸

José Comblin escreve que no Brasil, nos meios de comunicação social, sempre se fala dos pobres com ênfase negativa, como sendo os que não tem casa, trabalho formal, salário digno, alimentação suficiente, mas também como os que não tem educação e cultura. Visto de fora para dentro, normalmente só se enxergam questões negativas. Visto sob a perspectiva contrária, de dentro para fora, encontramos uma sociedade alternativa e criativa, que “se vira” para sobreviver, inventa trabalhos e formas de se sustentar, partilha e se solidariza com vizinhos

⁶⁷ Id. p 87

⁶⁸ SOBRINO, Jon. *Fora dos pobres não há salvação*. São Paulo: Paulinas. 2008 p 88

e companheiros, se junta para lutar por direitos, vive sua fé, reza e produz uma educação pela vida, alternativa à educação formal escolar e produz muita arte.⁶⁹

As vivências cotidianas da cruz, do sofrimento e das necessidades básicas de sobrevivência, desenvolveram nos pobres, experiências salvíficas de encontro com o Reino através da solidariedade, e de formas de bem viver. Assim, partilha, solidariedade, humanidade, técnicas de sobrevivência, resiliência a inúmeras adversidades, criaram uma forma de pensar onde o bem não se identifica primariamente com êxito, e muito menos êxito financeiro. Encontramos otimismo, alegria e coragem, principalmente nas experiências do “cuidar do outro”. Não seria então este caminho, o da humanização, que nos aproximaria da experiência encarnatória de Jesus? Afinal, a encarnação não foi a forma encontrada por Deus para nos fazer viver sua presença como caminho, verdade e luz no meio de nós? Quanto mais nos aproximarmos desta experiência/vivência, mais estaremos nos aproximando da salvação.

Onde nos leva a vivência do “ter cada vez mais”, da acumulação de riquezas, da invisibilidade dos pobres, da omissão frente às grandes questões sociais, a experiência de uma fé individualista alicerçada em pedidos de milagres pessoais, uma fé infantilizada e predatória? Verificando a diferença entre a vivacidade das pequenas comunidades pobres de periferia e o burocratismo das comunidades das grandes igrejas de centro, não teremos mais dúvidas de onde buscar a salvação.⁷⁰

Segundo Sobrino:

[...] no mundo dos pobres se cria uma lógica que permite ver a realidade de outra maneira. Permite ver que a salvação não é adequadamente idêntica a progresso e desenvolvimento, o que nos parece muito importante. E permite ver que dos pobres pode vir a salvação para os não pobres. É a experiência da graça. A opção pelos pobres não versa já agora somente sobre dar a eles, mas sobre receber deles.⁷¹

Esta compreensão da inversão da lógica é a base de toda a nova estrutura de pensamento. O pobre deixa a posição de receptor de benefícios e passa à posição de protagonista da graça, veículo de salvação, ou seja, agora, é o pobre que tem a oferecer ao não pobre algo de muito valioso.

4.2. A lógica da salvação na tradição bíblico-cristã

⁶⁹ COMBLIN, José. *Revista Êxodo*, 66. Ano 2005. p 50ss.

⁷⁰ Experiência própria na pastoral de base desde 1977.

⁷¹ SOBRINO, Jon. *Fora dos pobres não há salvação*. São Paulo: Paulinas. 2008 p 91.

A partir do Antigo testamento, inúmeras são as citações que colocam Javé ao lado dos pobres e oprimidos. E aparecem também os fracos e pequenos como portadores da salvação, ou ainda mais radicalmente, as vítimas ou o servo sofredor, tanto como indivíduo, quanto como classe social ou grupo. Normalmente na tradição bíblica, talvez com exceção de Josias e Exequias, os reis e poderosos são responsáveis por maldições, punições e desgraças., já que via de regra oprimiam os pobres, desobedecendo a Deus.

A verdadeira salvação, o Messias, o cordeiro de Deus, é um pobre de uma família de trabalhadores sem nenhum poder e vindo de uma aldeiazinha da Galileia, Nazaré (Jo 1, 46).

Sobrino levanta uma questão bem polêmica sobre Jesus, os pobres e a salvação. Sem dúvida, Jesus foi a salvação para os pobres, mas de alguma forma os pobres participaram da salvação do próprio Jesus? Vendo a realidade de sofrimento dos pobres, buscando por justiça e indispondo-se com a sociedade estabelecida naquele tempo, Jesus também não encontrou caminhos para a sua própria “conversão” enquanto humano? Se analisarmos a humanidade de Jesus, “semelhante a nós em tudo, exceto no pecado” (Hb 4, 15), podemos intuir que a percepção da difícil situação em que viviam os pobres, de alguma maneira levou Jesus ao sonho/realidade de denúncias e anúncios para a construção do Reino?

Sem dúvida, esta é uma questão mais complexa, mas nada impediria que as decisões de radicalidade do humano Jesus tivessem tido a contribuição da vivência com os pobres. E se assim o foi, mais ainda nossa realidade humana nos leva a buscar os elementos salvíficos ali.

Em muitas ocasiões Jesus destaca a fé dos pobres e sofredores como caminho de salvação:

“Minha filha, a tua fé te salvou” (Mc 5, 34) – a hemorroíssa.

“Vai, a tua fé te salvou” (Mc 10, 52) – o cego Bartimeu.

“Tua fé te salvou, vá em paz” (Lc 7, 50) – a pecadora na casa do fariseu.

Se foi salvação para cada um deles, porque não entendermos que na encarnação, enquanto a transcendência se fez trans descendência, se fez também condescendência, misericórdia, caminho salvífico?⁷²

Me parece que em nenhum momento Jesus concorda ou exalta a miséria e a pobreza enquanto algo bom. É exatamente a ocorrência social fruto do que é mal: ganância, acúmulo, exploração. A questão colocada em termos de salvação vinda dos pobres, está ligada exatamente às formas de enfrentamento a esta pobreza, de oposição às situações que conduziram, conduzem ou mantêm estas situações.

⁷² SOBRINO, Jon. *Fora dos pobres não há salvação*. São Paulo: Paulinas. 2008 p 93.

De acordo com Sobrino, precisamos entender a salvação sob diversos aspectos: pessoal, social, histórica, transcendente e ainda entendermos a diferença entre a salvação enquanto “estado de coisas positivas” e a salvação enquanto processo de caminhada para chegar.⁷³

Assim, enquanto estado de coisas podemos dizer que a salvação é vida, é dignidade, é liberdade, é justiça, é fraternidade, é o ar puro que nos possibilita vivenciar o Espírito. Neste aspecto, precisamos entender que a salvação assume contornos concretos e diferentes em cada local, Comunidade, cidade ou país em que se analise. A universalidade da salvação é um conceito, mas sua concretização é particularizada.

É desta particularização que a Teologia da Libertação faz a leitura da salvação concreta que vem dos e para os pobres, a partir deste lugar social, político e geográfico chamado “Mundo dos Pobres”.

E o caminhar de construção desta libertação é um processo salvífico compreendido a partir das estruturas de opressão geradas atualmente pela globalização neoliberal. É preciso vencer a opressão e a isto se chama libertação.

Classificar a Teologia da Libertação como algo a serviço de comunistas, criticando as manifestações salvíficas de suas ações, e tirando do cristianismo o protagonismo do seguimento de Jesus enquanto “cuidar dos pobres, estrangeiros, órfãos e viúvas” é “entregar a outros” o que temos de grande valor no Cristianismo: o lutar por justiça, liberdade, dignidade, fraternidade, enfim, criar vida e vida em abundância para todos. (Jo 10, 10)

4.3. O pobre e sua força salvífica.

O documento de Puebla nos traz rica reflexão sobre a situação de pobreza enquanto oportunidade soteriológica. Já em seu discurso inaugural, o Papa salientou a relação entre o compromisso com o Cristo e o compromisso com os mais necessitados.

O compromisso evangélico da Igreja, como disse o papa, deve ser como o de Cristo: um compromisso com os mais necessitados (cf. Lc 4,18-21; Discurso Inaugural, III, 3) . Por conseguinte, a Igreja deve ter os olhos em Cristo quando se pergunta qual há de ser a sua ação evangelizadora. O Filho de Deus demonstrou a grandeza deste compromisso ao fazer-se homem, pois identificou-se com os homens tornando-se um deles, solidário com eles e assumindo a situação em que se encontram, em seu nascimento, em sua vida e, sobretudo, em sua paixão e morte, na qual chegou à expressão máxima da pobreza. (1141)

⁷³ SOBRINO, Jon. *Fora dos pobres não há salvação*. São Paulo: Paulinas. 2008 p 95.

Só por este motivo, os pobres merecem uma atenção preferencial, seja qual for a situação moral ou pessoal em que se encontrem... (1142)

Ainda neste documento, se salienta que a organização dos pobres em Comunidades Eclesiais de Base e sua reflexão e práxis, ajudaram a evangelizar a Igreja no seguimento concreto de Jesus.

O compromisso com os pobres e oprimidos e o surgimento das Comunidades de Base ajudaram a Igreja a descobrir o potencial evangelizador dos pobres, enquanto estes a interpelam constantemente, chamando-a à conversão e porque muitos deles realizam em sua vida os valores evangélicos de solidariedade, serviço, simplicidade e disponibilidade para acolher o dom de Deus. (1147)

Alerta também para a compreensão maior da pobreza enquanto a relativização dos bens deste mundo e a absolutização dos bens advindos da conquista do Reino através do caminho das Bem-Aventuranças.

Para o cristão, o termo “pobreza” não é somente expressão de privação e marginalização de que nos precisemos libertar. Designa também um modelo de vida que já desponta no Antigo Testamento no tipo dos “pobres de Javé” e é vivido e proclamado por Jesus como bem-aventurança. São Paulo resumiu este ensinamento dizendo que a atitude do cristão deve ser de usar os bens deste mundo (cujas estruturas são transitórias) sem absolutizá-los, pois são apenas meios para se chegar ao Reino. Este modelo de vida pobre é exigido pelo Evangelho de todos os que creem em Cristo e, por isso, podemos chamá-lo “pobreza evangélica”. Os religiosos vivem de maneira radical esta pobreza exigida de todos os cristãos, ao se comprometerem por seus votos e viver os conselhos evangélicos. (1148)

Ficou bem claro na reflexão do episcopado latino-americano o papel dos pobres que, com sua vida “interpelam constantemente a Igreja, chamando-a à conversão”. Mais uma vez convém destacar que, tal como na reflexão que fizemos anteriormente, sobre a parábola do pobre Lázaro e do rico, não estão em jogo as virtudes ou desvirtudes morais, intelectuais, éticas, religiosas etc. dos pobres. Apenas está em jogo a vida de crucificados pela qual passam enquanto pobres e que lhes propicia o cerne da salvação própria e o potencial salvífico para os outros.

Toda a discussão levantada nas Bem-Aventuranças de Mateus e Lucas, se pobres de espírito ou pobres materialmente é superada pela compreensão da pobreza como a situação daqueles que vivem sem as condições necessárias de dignidade, sem a possibilidade de suprir suas necessidades de moradia, alimento, educação, saúde, cultura, lazer etc. São considerados também pobres os empobrecidos, os excluídos de suas condições de agentes construtores de vida social.

E podemos ainda citar os que são agentes libertadores da pobreza. Os que tomaram consciência da situação excludente e absurda da pobreza e estão em constantes ações individuais e coletivas de organização popular buscando práxis libertadoras, não só para si, mas para todos os pobres, a partir dos grupos concretos nos quais atuam.

A conversão e a salvação a partir dos pobres vem de uma experiência que se espiritualiza na vivência da práxis. Mesmo que num primeiro momento o sujeito se aproxime da realidade com a boa e reta intenção de ser caridoso, ao penetrar na realidade com o coração aberto, vai perceber ali elementos que o levarão à mudança radical de vida. O contato com o mundo dos pobres, para os não pobres que chegam abertos à conversão, pode lhes proporcionar a experiência salvífica no momento que perceberem, tal como no lema do Instituto de Menores Dom Antônio Zattera em Pelotas, que “ele não pesa, é meu irmão”.

Sobrino cita que os pobres não são só portadores da verdade, mas portadores de “toda a verdade”.⁷⁴ Sua situação denuncia as ações daquelas culturas, e povos que os fizeram assim, espoliando-os, “roubando” as suas riquezas, escravizando-os, explorando sua mão de obra de forma indigna e injusta, enfim, criando a miserabilidade hoje existente.

E cita ainda que os pobres desafiam os cristãos a buscar a Utopia⁷⁵ do Evangelho de Jesus de Nazaré chamada de Reino, onde a prática do “bem-viver” de todos superará a prática do viver na abundância de poucos às custas da miséria de tantos. E esta não é uma utopia irrealizável, mas a utopia possível que vem da esperança não do verbo esperar (que pode levar a uma passividade omissa), mas do verbo esperarçar (que leva a ações construtivas).

Em meio a tantas denúncias, cabe citarmos aqui um grande anúncio desta perspectiva de sociedade nova. A convocação do Papa Francisco para que jovens do mundo inteiro reelaborem a sociedade, no que se denominou no mundo inteiro a “Economia de Francisco” e tão carinhosamente no Brasil se abraçou como a “Economia de Clara e Francisco”. Não se trata de uma série de normas e doutrinas. É uma construção que vai sendo feita em cada vilarejo, em cada bairro, em cada comunidade, em cada escola, em cada universidade e que vai sendo colocada em comum, em discussão, em avaliação, como troca de experiências e vai aos poucos criando formas alternativas de economia solidária que conduzem ao “bem-viver”, se contrapondo à sociedade capitalista neoliberal, geradora da miséria em que vivemos no ocidente.

⁷⁴ SOBRINO, Jon. *Fora dos pobres não há salvação*. São Paulo: Paulinas. 2008 p 99.

⁷⁵ Id. p 100.

Para melhor compreensão do que se está discutindo nas aldeias da economia de Clara e Francisco, cito aqui os dez princípios norteadores desta nova forma de ver a economia.⁷⁶

Princípio 1 – Cremos na Ecologia Integral

(Palavra-Chave: Ecologia Integral)

Cremos em uma ecologia integral, que reconheça as relações humanas, sociais, ambientais, políticas e econômicas, que esteja respaldada nos valores franciscanos e clarianos, que garantam a vida em sua dignidade, e que não seja nociva aos demais seres. Que parta do fundamento de que tudo aquilo que existe e vive deve ser respeitado.

Princípio 2 – Cremos no Desenvolvimento Integral

(Palavra-chave: o desenvolvimento integral)

Cremos que só é possível pensar em desenvolvimento aliado ao cuidado da criação, com a participação dos empobrecidos nos processos de construção das políticas sociais e econômicas. Cremos, assim, no desenvolvimento humano integral como princípio fundamental das mudanças estruturais necessárias, o qual pressupõe a soberania dos povos e a luta nos territórios, e sugere uma economia solidária, fraterna, ecológica e democrática (Fratelli Tutti, 169).

Princípio 3 – Cremos em alternativas anticapitalistas

(Palavras-chaves: anticapitalismo e bem viver)

Cremos no Bem Viver porque o capitalismo é um sistema econômico cujas leis próprias geram exclusão e desigualdade (Evangeli Gaudium, 53), pelo que se faz um sistema insuportável, e que precisa ser superado, juntamente do colonialismo e do patriarcado. Cremos que um suposto “capitalismo inclusivo” é contraditório com a opção pelo respeito à criação e por uma ecologia integral e não é a resposta para a crise que vivemos. Cremos, portanto, que o bem viver é a filosofia prática que nos faz caminhar na direção da nova economia construída sob o paradigma da igualdade, da sustentabilidade e da cidadania.

Princípio 4 – Cremos nos Bens Comuns

(Palavras-Chaves: Bens Comuns e papel do Estado)

Cremos nos Bens Comuns porque o neoliberalismo, versão contemporânea do capitalismo, acentuou as características de uma economia que mata, com a idolatria ao capital e ao mercado; cremos se tratar de um pensamento limitado, que recorre à mágica teoria do “gotejamento” como única via para resolver os problemas sociais, a qual, por sua vez, não funciona, pois o mercado não regula tudo (Fratelli tutti, 168); pelo contrário, torna a política refém de uma economia tecnocrática (Laudato si, 189), e prejudica o necessário papel do Estado na garantia dos direitos sociais inalienáveis, pois privatiza direitos e estatiza prejuízos.

Princípio 5 – Cremos que ‘Tudo está interligado’

(Palavra-chave: Crise Ecosocial)

Cremos que a superação da crise se dá por caminhos onde tudo está interligado, inclusive as soluções diante da crise socioambiental que possuem implicações ambientais, sociais, econômicas, distributivas, políticas e que afetam principalmente os empobrecidos (Laudato si, 25), os povos originários e tradicionais.

Princípio 6 – Cremos na potência das periferias vivas

(Palavra-chave: as periferias como ponto de partida)

Cremos que o caminho de reconstrução de novas economias passe pelas “sementes de esperança semeadas pacientemente nas periferias esquecidas do planeta, destes rebentos de ternura que lutam por subsistir na escuridão da exclusão” (Papa Francisco). Cremos que é nas periferias que germinam as experiências revolucionárias

⁷⁶ <https://www.vaticannews.va/pt/igreja/news/2021-10/os-10-principios-da-economia-de-francisco-e-clara.html>

que brotam das lutas emancipatórias dos movimentos sociais, das comunidades de base, dos povos originários, das articulações populares, e de tantos outros afins.

Princípio 7 – Cremos na economia a serviço da vida

(Palavra-chave: realmar a economia)

Cremos na urgente necessidade de realmar a economia, colocando no centro das relações sociais a vida em sua diversidade e dignidade, na construção de uma nova sociedade mais igualitária, onde mulheres, crianças e adolescentes, negras e negros, povos originários, comunidades LGBTQIA+ e todos os demais grupos oprimidos tenham seus corpos respeitados e direitos garantidos, pautando-se pelos valores da sororidade/fraternidade universal, diversidade do sagrado, justiça social, paz e sustentabilidade.

Princípio 8 – Cremos nas Comunidades como Saída

(Palavra-chave: Território e práxis)

Cremos que a territorialidade, entendida como o espaço de vivência concreta no cotidiano, tem um papel crucial na construção de novas práticas econômicas. Cremos que é desde o chão da existência real e da práxis que se forja o ser político social, potencializando os saberes e fazeres por meio do protagonismo dos atores locais sendo parte da ação necessária à mudança macro-territorial. Cremos que a decolonização começa por uma reparação histórica, e deve se constituir na luta pelos direitos territoriais sagrados dos povos originários e quilombolas. Cremos na práxis de libertação que valorize efetivamente a pluralidade cultural contra toda a desterritorialização dos periféricos, dos camponeses, migrantes e outros marginalizados.

Princípio 9 – Cremos na Educação Integral

(Palavra-chave: Pacto Educativo Global)

Cremos numa educação pública, gratuita, inclusiva, inovadora, libertadora, ambiental e artística, que atenda às necessidades da sociedade, e que possibilite a aprendizagem de pessoas reflexivas e críticas. Cremos na educação popular como síntese da cultura do encontro. Cremos que o ensino, a pesquisa e a extensão devem estar sempre direcionadas à novas economias, e que a educação básica deve estar integrada na mesma perspectiva.

Princípio 10 – Cremos na solidariedade e no clamor dos povos

(Palavra-Chave: movimentos sociais)

Cremos numa economia sustentável, democrática e fraterna, que rompa com as desigualdades sociais, proporcione a emancipação humana e garanta o direito à terra, ao teto e ao trabalho, construindo mecanismos de geração de renda que fortaleçam a cooperação, a associação e a autogestão. Cremos numa economia pautada na justiça social, que reconheça as diversidades, e que crie redes entre os movimentos sociais a partir dos princípios da economia solidária e agroecológica.

Assim, o Papa Francisco com sua convocação e pessoas de boa vontade do mundo inteiro estão trabalhando na construção de experimentos desta sociedade nova que, embora pequenos e localizados, hão de profeticamente se esparramar como a “semente de mostarda” do Evangelho (Mc 4, 26-34). Parte-se assim dos protestos e denúncias para o anúncio profético através de propostas concretas. É a libertação, é a salvação que parte da pobreza e da miséria.

5. OS POBRES COMO SACRAMENTO DE SALVAÇÃO E A POBREZA A SER SUPERADA

Ao longo destes escritos, estivemos refletindo sobre o que significa a salvação para os cristãos católicos e como estes conceitos e compreensões estiveram presentes nos documentos oficiais da Igreja da América Latina a partir do Concílio Vaticano II. Procuramos pontuar com um pouco mais de clareza o que significa ser pobre no Brasil e na América Latina e que muito antes de ser uma categoria social ou filosófica, ser pobre é a realidade de milhões de pessoas submetidas às decisões político e econômicas, conhecidas como capitalismo neoliberal. Analisamos alguns poucos textos bíblicos para exemplificar que para Jesus a questão da salvação está diretamente ligada à pobreza e às opções que se faz em relação, não só a um ou outro pobre específico, mas às situações de pobreza e de injustiça que levaram a ela. E na sequência, procuramos compreender o que Jon Sobrino explicitara em seu ensaio utópico-profético: *Fora dos pobres não há salvação*.

Agora, pretende-se aprofundar a visão de outros autores sobre o tema, e assim, buscar caminhos para compreender sacramentalmente a polêmica e ainda formas de superação da injusta situação em que se encontra a grande maioria da população do Brasil e da América Latina e sua relação com a salvação ou não salvação entendida pelos cristãos.

Paulo, na carta aos Gálatas, narrando o que acontecera na Assembleia de Jerusalém, e como Tiago, Céfás e João concordaram com a inclusão dos incircuncisos dão um belo exemplo de escuta ao outro, revisão de ideias e conceitos e compreensão de uma condição final do “acordo”. Diz o texto:

Vendo que a mim fora confiado o evangelho dos incircuncisos como a Pedro o dos circuncisos – pois aquele que estava operando em Pedro para a missão dos circuncisos operou também em mim a favor dos gentios – e conhecendo a graça em mim concedida, Tiago, Céfás e João, os notáveis tidos como colunas, estenderam-nos a mão a mim e a Barnabé em sinal de comunhão: nós pregaríamos aos gentios e eles para a Circuncisão. *Nós só nos devíamos lembrar dos pobres*, o que aliás tenho procurado fazer com solicitude (Gl 2, 7-10).⁷⁷

Lendo o texto, parece fazer “parte do acordo” a explícita referência a buscar nos pobres os elementos salvíficos propostos por Jesus. No capítulo oitavo, da segunda carta aos Coríntios, temos uma ligação explícita de Jesus com a condição de pobre e entendendo-O como caminho

⁷⁷ Ênfase nossa.

de salvação, facilmente podemos concluir a condição salvífica da pobreza. A pergunta a ser feita pelo contraditório é porque Jesus teria se feito o pobre entre os pobres se esta não fosse uma condição salvífica para os que o seguiriam.

Visto que tudo tendes em abundância – fé, eloquência, ciência, toda espécie de zelo e caridade que vos inspiramos –, procurai também distinguir-vos nesta obra de generosidade. Não digo isto para os impor uma ordem, mas, citando-os o zelo dos outros, dou-vos a ocasião de provardes a sinceridade da vossa caridade. Com efeito conheceis a generosidade de Nosso Senhor Jesus Cristo, que por causa de vós, se fez pobre, embora fosse rico, para vos enriquecer com a sua pobreza.⁷⁸

Esta encarnação de Jesus na pobreza, deve ser entendida como parte de seu plano salvífico. Dom Pedro Casaldáliga, em um de seus poemas, resume a experiência encarnatória de Jesus: “No ventre de Maria, Deus se fez homem. Mas na oficina de José, Deus se fez classe!”⁷⁹

O Papa Francisco, em sua carta apostólica *Patris corde*, ressalta também a importância da inserção de Jesus no mundo dos pobres trabalhadores, em seu sexto item, quando ressalta em José a figura do Pai Trabalhador.⁸⁰

Não nos parece razoável entender a encarnação de Jesus em uma família pobre, de pai trabalhador, em uma pequena Comunidade do norte da Palestina, como um acaso. É mais plausível percebermos que desde a sua encarnação, fazia parte do projeto salvífico uma clara preferência, referência e deferência com os pobres. Sendo assim, mais uma vez salientando o caráter soteriológico-salvífico da encarnação e entendendo as palavras de Jesus expressas no evangelho de João, “Eu sou o caminho, a verdade e a vida” (Jo 14,6), parece óbvio que para trilhar este caminho, devemos passar pela experiência fundante da pobreza.

Não é por acaso que as Ordens, Congregações, Fundações, Famílias Religiosas, todas incluem entre seus votos a pobreza. Estariam todos enganados? Será que a pobreza não é uma condição de salvação, um caminho salvífico?

É certo que ao longo dos anos, distanciando-se de seus fundadores e dos carismas iniciais, foram se fazendo interpretações da pobreza aqui e ali, a ponto de que em alguns destes grupamentos e famílias religiosas a pobreza hoje ser apenas uma referência teórica. Por mais categorias e explicações que se queira dar à pobreza, é inegável que Jesus nasceu de uma família operária, pobre, que vivia do trabalho braçal de José e que na ocasião de seu nascimento estavam abandonados e alojados em um estábulo, pois “não havia lugar para eles” (Lc 2, 7b).

⁷⁸ Id. 2Cor 8, 7-10.

⁷⁹ Poema de Dom Pedro Casaldáliga, utilizado no *Rito de ordenação Presbiteral* de Padre Frei Marquinhos em 1982 na cidade de Uberlândia como parte da reflexão do ato penitencial. Pág. 3

⁸⁰ FRANCISCO, Papa. *Patris Corde*. Documentos Pontifícios – 45. São Paulo: Paulus. 2020

Portanto, a encarnação não se deu em nenhuma categoria diferente de pobreza a não ser a de pobres enquanto despossuídos dos meios de sobrevivência com dignidade.

E encarnando-se desta forma, Jesus vem mostrar de que lugar social há de vir a salvação: “Eu vim para que todos tenham vida, e vida em abundância” (Jo 10, 10). Vem do lugar onde Ele se colocou. Pobre entre os pobres.

A Exortação Apostólica, do Sumo Pontífice Papa Francisco, *Evangelii Gaudium*⁸¹, tem toda uma seção sob o título: “*O lugar privilegiado dos pobres no povo de Deus*”. O texto acentua questões como o *sim* da menina pobre em Nazaré, o nascimento em um estábulo por falta de condições de se alojar em uma hospedaria, o resgate no templo pago com pombinhas, pagamento dos pobres, o lar de trabalhadores braçais e quando de sua vida pública o seguimento por multidões de pobres, doentes, deserdados e o reconhecimento no texto de Lc 4, 18 que diz O Espírito do Senhor me ungiu para anunciar a Boa Nova aos pobres.

No coração de Deus, ocupam lugar preferencial os pobres, tanto que até Ele mesmo «Se fez pobre» (2 Cor 8, 9). Todo o caminho da nossa redenção está assinalado pelos pobres. Esta salvação veio a nós, através do «sim» dum jovem humilde, dum pequena povoação perdida na periferia dum grande império. O Salvador nasceu num presépio, entre animais, como sucedia com os filhos dos mais pobres; foi apresentado no Templo, juntamente com dois pombinhos, a oferta de quem não podia permitir-se pagar um cordeiro (cf. Lc 2, 24; Lv 5, 7); cresceu num lar de simples trabalhadores, e trabalhou com suas mãos para ganhar o pão. Quando começou a anunciar o Reino, seguiam-No multidões de deserdados, pondo assim em evidência o que Ele mesmo dissera: «O Espírito do Senhor está sobre Mim, porque Me ungiu para anunciar a Boa Nova aos pobres» (Lc 4, 18). A quantos sentiam o peso do sofrimento, acabrunhados pela pobreza, assegurou que Deus os tinha no âmago do seu coração: «Felizes vós, os pobres, porque vosso é o Reino de Deus» (Lc 6, 20); e com eles Se identificou: «Tive fome e destes-Me de comer», ensinando que a misericórdia para com eles é a chave do Céu (cf. Mt 25, 34-40). (197)

Citando Bento XVI, o documento ressalta que a opção da Igreja pelos pobres está implícita na fé cristológica naquele Deus que se fez pobre por nós para enriquecer-nos com sua pobreza. Conforme Paulo na segunda carta aos Coríntios, “Vocês conhecem a graça de nosso Senhor Jesus Cristo que, sendo rico, se fez pobre por amor de vocês, para que por meio de sua pobreza vocês se tornassem ricos”. (2Cor 8, 9)

Para a Igreja, a opção pelos pobres é mais uma categoria teológica que cultural, sociológica, política ou filosófica. Deus «manifesta a sua misericórdia antes de mais» a eles. Esta preferência divina tem consequências na vida de fé de todos os cristãos, chamados a possuírem «os mesmos sentimentos que estão em Cristo Jesus» (Fl 2, 5). Inspirada por tal preferência, a Igreja fez uma *opção pelos pobres*, entendida como

⁸¹ https://www.vatican.va/content/francesco/pt/apost_exhortations/documents/papa-francesco_esortazione-ap_20131124_evangelii-gaudium.html

uma «forma especial de primado na prática da caridade cristã, testemunhada por toda a Tradição da Igreja». Como ensinava Bento XVI, esta opção «está implícita na fé cristológica naquele Deus que Se fez pobre por nós, para enriquecer-nos com sua pobreza». Por isso, desejo uma Igreja pobre para os pobres. Estes têm muito para nos ensinar. Além de participar do *sensus fidei*, nas suas próprias dores conhecem Cristo sofredor. É necessário que todos nos deixemos evangelizar por eles. A nova evangelização é um convite a reconhecer a força salvífica das suas vidas, e a colocá-los no centro do caminho da Igreja. Somos chamados a descobrir Cristo neles: não só a emprestar-lhes a nossa voz nas suas causas, mas também a ser seus amigos, a escutá-los, a compreendê-los e a acolher a misteriosa sabedoria que Deus nos quer comunicar através deles. (198)

Aborda ainda que muito mais do que ações de caridade, a opção pelos pobres é a chance da Igreja reconhecer nele as belezas, as maravilhas que Deus ali depositou. Assim, os pobres não serão objeto de ações políticas ou ideológicas e sim manifestações da presença de Deus no meio de nós.

O nosso compromisso não consiste exclusivamente em ações ou em programas de promoção e assistência; aquilo que o Espírito põe em movimento não é um excesso de ativismo, mas primariamente uma *atenção* prestada ao outro «considerando-o como um só consigo mesmo». Esta atenção amiga é o início duma verdadeira preocupação pela sua pessoa e, a partir dela, desejo procurar efetivamente o seu bem. Isto implica apreciar o pobre na sua bondade própria, com o seu modo de ser, com a sua cultura, com a sua forma de viver a fé. O amor autêntico é sempre contemplativo, permitindo-nos servir o outro não por necessidade ou vaidade, mas porque ele é belo, independentemente da sua aparência: «Do amor, pelo qual uma pessoa é agradável a outra, depende que lhe dê algo de graça». Quando amado, o pobre «é estimado como de alto valor», e isto diferencia a autêntica opção pelos pobres de qualquer ideologia, de qualquer tentativa de utilizar os pobres ao serviço de interesses pessoais ou políticos. Unicamente a partir desta proximidade real e cordial é que podemos acompanhá-los adequadamente no seu caminho de libertação. Só isto tornará possível que «os pobres se sintam, em cada comunidade cristã, como “em casa”. Não seria, este estilo, a maior e mais eficaz apresentação da boa nova do Reino?» Sem a opção preferencial pelos pobres, «o anúncio do Evangelho – e este anúncio é a primeira caridade – corre o risco de não ser compreendido ou de afogar-se naquele mar de palavras que a atual sociedade da comunicação diariamente nos apresenta». (199)

Se entendemos a salvação como a possibilidade de vivermos com Deus (nesta e/ou na outra vida), “convivermos” com Deus, uma expressão com o mesmo significado abre o artigo 197 acima: “No coração de Deus, ocupam lugar preferencial os pobres...” Usamos a expressão estar no coração no sentido da proximidade, do carinho, do aconchego, da prioridade. Parece óbvio então que se os pobres estão no coração de Deus eles conhecem o “caminho” para se chegar até lá e, portanto, devemos procurá-los e aprender com eles.

Se esta afirmação não chega a ter e excludência da tese de Jon Sobrino que “Fora dos pobres não há salvação”, no mínimo reafirma que com eles há salvação, o que já é grande parte do caminho a seguir.

De acordo com Francisco Aquino Junior⁸², embora irrite a muitos, o projeto eclesiológico do Papa Francisco de “uma igreja pobre para os pobres” tem muitos pontos de convergência com a Teologia da Libertação desenvolvida na América Latina, principalmente na dimensão social da fé e na explícita relação entre fé e os pobres, fé e compromisso social, fé e opção pelos pobres. Tal como na Teologia da Libertação, o Papa entende claramente que os pobres fazem parte da centralidade da revelação e da fé e, portanto, são elementos fundamentais na perspectiva da salvação.

A própria Teologia da Libertação não é uma unidade formal completa. Poderíamos até dizer das Teologias da Libertação. Mas independentemente se acentuarmos a desenvolvida na Argentina, voltada mais para a mediação das ciências hermenêuticas e antropológicas, a sabedoria e a religiosidade populares, ou a Teologia da Libertação desenvolvida pelos teólogos de outros países latino-americanos, acentuando a dimensão sócio estrutural, e o conflito como mediação, todos tinham uma centralidade explícita nos pobres e na erradicação da pobreza enquanto uma manifestação do anti-Reino de Deus.

Quando destaca suas críticas à “cultura do descartável” e à “globalização da indiferença”, e propõe a “cultura da solidariedade”, o Papa mostra a centralidade no pobre, pois é este o caminho que propõe para as transformações estruturais que construirão uma sociedade nova, baseada nos princípios de Cristo.

Mantendo a centralidade do pobre, Francisco de Aquino Junior evidencia que embora exista claramente esta divergência entre o modo de análise do Papa Francisco e de vários teólogos da libertação, as duas são complementares:

O grande desafio consiste em articulá-los de maneira coerente e eficaz, de modo a garantir que a justiça entendida como efetivação do direito dos pobres e oprimidos, torne-se realidade em nosso mundo. Pois, se não é possível verdadeira transformação das estruturas da sociedade sem transformação das mentalidades e dos valores culturais-religiosos, a transformação das mentalidades e dos valores culturais religiosos precisa se traduzir nas estruturas da sociedade e em boa medida é, já, possibilitada e mediada por novas estruturas sociais.⁸³

Ainda conforme Francisco de Aquino Junior, para não traírmos as propostas do Concílio Vaticano II, devemos entender com profundidade o que o Papa Francisco entende por “uma igreja pobre para os pobres”, que é a expressão da mais genuína tradição Cristã: a Boa Notícia

⁸² AQUINO, Francisco de Junior. *Nas periferias do mundo*. São Paulo, SP: Paulinas. 2017. P 72

⁸³ Id. p 76

do reinado de Deus, cuja característica mais importante é a justiça aos pobres e oprimidos deste mundo.⁸⁴

Certamente a preocupação com os pobres sempre existiu na Igreja, mas no Concílio Vaticano II tomou novas formas. O então Papa João XXIII e um grupo de padres conciliares retomou este tema de forma original e profunda, analisando-o a partir de suas raízes e propondo nova postura social à Igreja. Claro que as tensões ocorreram e ocorrem até hoje, mas de qualquer forma, principalmente depois das conferências latino-americanas de Medellín e Puebla e do desenvolvimento da Teologia da Libertação, a centralidade do pobre como agente de salvação de toda a Igreja foi se tornando mais clara e objetiva.

Leonardo Boff em seu livro “Jesus Cristo Libertador”, nos ajuda a entender melhor esta mediação do pobre salvador/libertador, abordando a presença de Cristo nas pessoas da sociedade, independentemente de se identificarem com o Cristianismo em qualquer de seus matizes.

Jesus ressuscitado está presente e atuante de modo especial naqueles que no vasto âmbito da história e da vida levam sua causa adiante. Independentemente da coloração ideológica e da adesão a alguma religião ou credo cristão, sempre que o homem busca o bem, a justiça, o amor humanitário, a solidariedade, a comunhão e o entendimento entre os homens, todas as vezes que se empenha em superar se próprio egoísmo, em fazer este mundo mais humano e fraterno e se abre para um Transcendente normativo para sua vida, aí podemos dizer, com toda a certeza, está o Ressuscitado presente porque sua causa está sendo levada adiante, pela qual ele viveu, sofreu, foi processado e também executado... Todos os que aderem à causa de Jesus estão irmanados com ele e Ele está agindo neles para que haja nesse mundo maior abertura para o outro e maior lugar humano para Deus.⁸⁵

O que podemos nos perguntar é se vamos encontrar prioritariamente estes comportamentos citados em meio aos pobres ou aos ricos. Claro que sempre existirão exceções, mas estas servirão principalmente para confirmar a “regra” e não para desautorizá-la. Em Seu tempo, Jesus já percebera que o Reino e a salvação se encontravam na vivência da solidariedade e resiliência dos pobres frente às suas enormes dificuldades e hoje facilmente percebemos que continua assim, ou até se manifesta de forma mais acentuada entre os pobres.

Gustavo Gutierrez em seu livro Teologia da Libertação,⁸⁶ chama a atenção da dificuldade na evolução da compreensão da salvação, uma vez que, durante muito tempo, o tema se resumia à quantidade dos salvos, possibilidade de salvar-se, universalidade da salvação e a Igreja visível enquanto mediadora exclusiva da salvação. A questão era a cura do pecado na

⁸⁴ Id p 51

⁸⁵ BOFF, Leonardo. *Jesus Cristo Libertador*. Petrópolis: Vozes. 1979 p 238-239

⁸⁶ GUTIERREZ, Gustavo. *Teologia da Libertação*. Petrópolis: Vozes. 1976 p 125 - 128

vida presente para se conseguir uma salvação na outra vida (depois da morte) e ainda como alguém fora do alcance da graça depositada na igreja poderia se salvar. Com o tempo, a universalização da salvação foi ganhando corpo e passou-se a entender que a vida não era só um “exame de admissão” a uma vida futura, mas que a salvação, comunhão dos homens com Deus e comunhão dos homens entre si é uma vivência do presente, concreta plenamente realizada na encarnação de Cristo.

Gutierrez ainda afirma que não existem duas histórias, a humana real e outra a da Salvação.⁸⁷ De fato, as duas são uma só, tal a forma como são inter-relacionadas e interagentes. Com o tempo foi ficando clara a compreensão da convergência do aspecto essencialista e abstrato para o aspecto existencial e concreto.

Tomando como base a libertação dos hebreus do Egito, a sua longa caminhada pelo deserto como absolutamente pobres de tudo (inclusive sem certezas), foi uma bela experiência pedagógica.⁸⁸ As euforias e desânimos fizeram parte da tomada de consciência do estado opressivo em que viviam e os prepararam para a luta cotidiana de salvação/libertação. Não bastava “sair do Egito e da opressão”, era necessário que ocupassem uma terra boa e espaçosa, onde “jorrasse leite e mel”. É nesta caminhada que os hebreus fazem a experiência de viver em uma sociedade livre da miséria e da alienação e nos enfrentamentos com outros povos e nos também com os enfrentamentos internos, percebe-se que é uma conquista que demanda lutas árduas. As promessas de salvação nunca falaram em “facilidade”.

Ainda de acordo com Gutierrez⁸⁹, a salvação/libertação se manifestou originalmente através da promessa inicialmente feita a Abraão, foi vivenciada com ênfase no Êxodo, inúmeras vezes clamada pelos profetas, mas frente à não compreensão e infidelidades dos judeus ao longo da história, foi “revalidada” definitivamente como “nova e eterna aliança” na encarnação, condenação, morte e ressurreição de Jesus Cristo. Os Evangelhos transcrevem esta “nova aliança” e precisam ir sendo interpretados e vivenciados ao longo da história. A paz do Reino, pressupõe a prática da justiça que é, portanto, condição fundamental para a realização do Reino, para a obtenção da salvação.

Como obter a justiça em uma sociedade em que as relações de pobreza e miséria crescem a cada ano? Não é esta, claramente, uma situação de pecado impossibilitadora das condições salvíficas? Segundo Gutierrez:

⁸⁷ Id. p 129

⁸⁸ Id os. 133 - 136

⁸⁹ GUTIERREZ, Gustavo. Teologia da Libertação. Petrópolis: Vozes. 1976 p 137 - 145

Não se trata, porém, em perspectiva libertadora, do pecado como realidade individual, privada e intimista, afirmada exatamente o bastante para necessitar uma redenção “espiritual”, que não questiona a ordem em que vivemos. Trata-se do pecado como fato social, histórico, ausência de fraternidade, de amor nas relações entre os homens, ruptura da amizade com Deus e com os homens, em consequência, cisão interior e pessoal. Assim consideradas as coisas, redescobrem-se as dimensões coletivas do pecado.⁹⁰

O autor, nesse sentido, segue insistindo que:

O pecado existe em estruturas opressoras, na exploração do homem pelo homem, na dominação e escravidão dos povos, raças e classes sociais. Surge então o pecado como alienação fundamental, como a raiz de uma situação de injustiça e exploração. Alienação fundamental que, por isto mesmo, não pode ser alcançada em si mesma, só se dá em situações concretas, em alienações particulares. Impossível compreender um sem o outro. O pecado exige uma libertação radical, mas esta inclui necessariamente uma libertação política.⁹¹

Com esta afirmação explícita de Gutierrez, devemos compreender que não existe libertações/salvações parciais desconectadas da libertação/salvação integral. Todos os aspectos da realidade humana fazem parte da salvação. Assim, a questão espiritual, econômica, política, sócio-histórica, parental, vivencial, do trabalho, de sobrevivência, de pertença ou não a este ou aquele determinado grupo explicitador de uma fé, tudo isto faz parte do “pacote” salvífico.

Daí, o entendimento da afirmação de Jon Sobrino: *Extra pauperes nulla salus*. A permanência da situação de pobreza e miséria de alguns, ou no caso da América Latina, de muitos, de milhões, impede que se realize a salvação sonhada e anunciada por Jesus, a salvação de todos.

Os pobres, por sua situação de vivência da miséria e do sofrimento já vivem a experiência de crucificados e, portanto, caminham na identidade com Jesus em direção à salvação. Esta conclusão está, muitas vezes, explicitada nos Evangelhos, nos textos oficiais da Igreja e atualmente é tema recorrente nas falas e escritos do Papa Francisco.

De outro lado, os diretamente responsáveis pela situação de pobreza e miséria de tantos, por sua ganância, egoísmo ou “cegueira”, já vivem desde agora a situação de perdição, de não salvação, de afastamento da promessa de Jesus em relação à nova aliança. São também vários os textos que deixam clara esta situação como Lc 18, 18-23, a história do jovem rico, ou sua complementação Lc 18, 25: “é mais fácil um camelo passar pelo buraco de uma agulha do que um rico entrar no Reino de Deus”.

⁹⁰ Id. p. 153

⁹¹ Id. p. 153

Mas é importante analisarmos também a situação dos que não são exatamente ricos e nem pobres. Esta parte da sociedade precisa ser compreendida melhor. Alguns, se acham “ricos” ou se fazem bajuladores dos “ricos” e agem de forma igual ou pior do que estes.

Outros, se consideram “neutros”, se agarrando a uma falsa neutralidade que, de fato, não existe: “Quem não está a meu favor, está contra mim, e quem não ajunta comigo, dispersa”. (Mt 12, 30). A omissão é provavelmente um dos pecados mais praticados atualmente e fatalmente não conduz à salvação.

E temos ainda aqueles que percebem a situação da miséria de tantos, e se sentem indiretamente responsáveis por ela e por isto estão cada vez “mais próximos” dos pobres na vivência, na reflexão, na compreensão e nas ações libertadoras da pobreza. Estes, se incorporam à causa da salvação, se colocando claramente a favor dos pobres e contra a pobreza.

A título de conclusão, podemos responder à provocação de Jon Sobrino com o que de melhor se pode fazer frente a um desafio: não o esquecer, não o abandonar, não desistir dele. Seguir refletindo sobre suas causas e consequências, sobre as inquietações que causou em cada um de nós e nos deixando conduzir pelo Espírito Santo a novas práticas salvíficas.

Termino como Jon Sobrino, citando uma conclusão genial de Ignacio Ellacuría⁹²:

A grande tarefa salvífica é, então, evangelizar os pobres para que a partir de sua pobreza material alcancem a consciência e o espírito necessário, primeiro para sair de sua indigência e opressão, segundo para terminar com as estruturas opressoras, terceiro para instalar céus novos e terra nova, onde o compartilhar prima sobre o acumular, onde haja tempo para escutar e alegrar-se com a voz de Deus no coração da história humana. Os pobres salvarão o mundo, já o estão salvando, embora ainda não. Buscar a salvação por outro caminho é erro dogmático e histórico. Se isto implica esperar contra toda esperança, é, definitivamente, uma confiança segura de que se conseguirá tudo isso um dia. Os pobres continuam sendo a grande reserva da esperança e da espiritualidade humanas.

⁹² SOBRINO, Jon. *Fora dos pobres não há salvação*. São Paulo: Paulinas, 2008 p. 111

6. CONCLUSÃO

Partindo da “aula de teologia” que presenciei em 1982 na CEB Curva de São Bento em Uberlândia e tentando estudar e aprofundar a compreensão de Dona Sebastiana de que “Deus é igual lá em casa: Gosto por igual dos meus onze filhos, mas quando um está doente ou ruim na Escola, largo os pequenos com as vizinhas, os maiorzinhos cuidam uns dos outros e eu vou socorrer o que precisa mais”, redigi esta dissertação.

São inúmeros os documentos da Igreja que citam especificamente a relação privilegiada de Deus com os pobres. Na Bíblia, são muitas as citações de bênção para os pobres e lugar especial para eles no Reino, ou seja, a salvação.

Antes mesmo do Concílio Vaticano II e dos Documentos de Medellín, Puebla, Aparecida, Santo Domingo, que explicitaram para toda a Igreja, mas em especial para a Igreja Latino-americana esta posição diferenciada dos pobres quanto à salvação, doutores como São João Crisóstomo já o haviam feito e o Catecismo da Igreja Católica em vigor, traz também inúmeros cânones sobre esta questão. Ao longo deste texto, citei apenas alguns.

Baseado em autores como Jessé de Souza e Thomas Piketty, fizemos breve análise sobre a situação de crescente pobreza e dominação por que passam as populações do Continente Americano e o Brasil e citamos alguns dados comprobatórios desta situação.

Citando alguns textos do evangelho de Lucas, autor que mais fielmente traduziu o pensamento e as ações de Jesus com relação aos pobres e marginalizados e refletindo sobre o pensamento de teólogos como Jon Sobrino, fomos buscamos compreender a salvação a partir de uma nova lógica, partindo da força salvífica dos pobres, tendo os pobres como agente constituinte desta salvação e não como “objeto” da caridade e da bondade dos que desejavam ser salvos.

A compreensão da salvação, precisa portanto passar pela questão de que não é algo reservado a uma outra vida, ou que tenha início após a morte. A salvação, enquanto experiência salvífica precisa ser vivenciada aqui e agora. A salvação enquanto experiência cristológica é a convivialidade com Deus. Viver a salvação é conviver com Deus, fazer a experiência de Sua graça, que é capaz de nos resgatar enquanto humanos para o projeto de encarnação de Cristo. Para tanto, é necessário compreender então a presente “transfiguração” de Jesus, em quem ela se manifesta, para que busquemos esta convivialidade para a nossa vida. Fomos educados todo este tempo a buscar o Cristo na igreja e no altar, na comunhão e nas relações sacramentais. É hora de o encontrarmos na cruz. Não na cruz das procissões e das adorações, mas na cruz das favelas, das “cracolândias”, na cruz que está erguida sob as marquises dos bancos e das lojas de luxo nos centros das cidades, na cruz da vida de pobreza e miséria que assola a milhões de irmãos nossos. Se queremos a tão almejada salvação, precisamos nos encontrar o quanto antes com o Salvador, com Jesus Cristo, onde Ele estiver.

No capítulo 25 do evangelho de Mateus, quando do “Juízo Final”, temos claramente a orientação. Separando as ovelhinhas dos bodes velhos, para que as primeiras fossem à sua casa, o Juiz não diz que o José da Silva estava com fome e você deu ou não a ele de comer, que a Dona Maria das Dores estava com sede e você deu ou não a ela de beber, que a Rita estava

doente e você foi ou não cuidá-la, que o Rodrigo estava preso e você foi ou não visita-lo. Ele diz: Eu estava com fome, eu estava com sede, eu estava preso, eu estava doente. Portanto é o Cristo que vive alí, é na participação daquela situação de miséria que poderemos encontrar ou não a salvação

Finalmente constatamos que a salvação só poderá atingir sua universalidade se partir dos pobres, dos marginalizados, dos desprezados, dos mais periféricos, dos mais abandonados. E ainda, que esta salvação há de passar pela retirada destes de sua situação de opressão, indigência e marginalidade, denunciar e superar as estruturas que mantem esta situação e se constituir uma nova sociedade da partilha e do cuidar do outro, como irmãos zelosos, filhos do mesmo Pai. Assim, na vivência concreta da encarnação, nos sentiremos participantes desta salvação não excludente e poderemos junto com o Cristo rezar; Pai Nosso que estás no céu, santificamos o teu nome, vivendo nossa experiência de irmãos, nos responsabilizando uns pelos outros, assim na terra como no céu.

REFERÊNCIAS

AQUINO, Francisco Junior. *Teologia do Papa Francisco – Igreja dos pobres*. São Paulo, SP: Paulinas, 2018.

_____. *Dimensão sócio estrutural do Reino de Deus*. São Paulo, SP: Paulinas, 2011.

_____. *Teoria teológica e práxis teologal sobre o método da teologia da libertação*. São Paulo, SP: Paulinas, 2012.

_____. *Nas periferias do mundo – Fé, igreja e sociedade*. São Paulo, SP: Paulinas 2020.

_____. *A civilização da pobreza: O legado de Ignacio Ellacuría para o mundo de hoje*. São Paulo, SP: Paulinas, 2014.

BERGANT, Dianne; CSA; KARRIS, Robert J. OFM. *Comentário Bíblico*. vol III. São Paulo, SP: Loyola, 1999.;

BÍBLIA DE JERUSALÉM. Nova edição ver. São Paulo: Paulus, 1985.

BOFF, Leonardo. *Virtudes para um outro mundo possível*, vol III: Comer e beber juntos e viver em Paz. Petrópolis, RJ: Vozes, 2006.

_____. *Depois de 500 anos: que Brasil queremos?* 2 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.

_____. *América Latina: Da Conquista à Nova Evangelização*. São Paulo, SP: Ática, 1992.

_____. *A igreja se fez povo: Eclesiogênese: A igreja que nasce da fé do povo*. 3 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1991.

BOVON, François. *El Evangelio Según San Lucas* (Lc 1,1 – 9,50). Ed. Sígueme, Salamanca: Espanha, 2005.

CASALDÁLIGA, Dom Pedro. *Antologia Retirante*. Rio de Janeiro, RJ: Editora Civilização Brasileira, 1978.

COMISSÃO TEOLÓGICA INTERNACIONAL – EATWOT/ASETT. *Descer da cruz os pobres: Cristologia da Libertação*. São Paulo, SP: Paulinas, 2007.

GÁNDARA, Daniel Landgrave. *Riqueza y Solidaridad en la Obra de Lucas*. Navarra, Espanha: Ed. Verbo Divino, 2006.

KONINGS, Johan. *Sinopse dos evangelhos de Mateus, Marcos e Lucas e da Fonte Q*. São Paulo, SP: Loyola.

NISSA, Gregório de. *Os padres da Igreja e a questão social: Homilia de Gregório de Nissa*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1986.

MAZZAROLO, Isidoro; KONINGS, Johan. *Lucas, o evangelho da graça e da misericórdia – comentário – paráfrase*. São Paulo, SP: Loyola.

PIKETTY, Thomas. *Capital e Ideologia*. Tradução de Dorothée De Bruchard e Maria de Fátima Oliva do Couto. Rio de Janeiro, RJ: Intrínseca, 2020.

QUINTA CONFERÊNCIA GERAL DO EPISCOPADO DA AMÉRICA LATINA E DO CARIBE, 2007, Aparecida, SP. Discurso Inaugural do Papa Bento XVI. Disponível em: <http://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/speeches/2007/may/documents/hf_ben-xvi_spe_20070513_conference-aparecida.html>

RATZINGER, Cardeal Joseph. *O Sal da Terra: O Cristianismo e a Igreja Católica no limiar do Terceiro Milênio*. Tradução Inês de Andrade. Rio de Janeiro, RJ: Imago, 1997.

ROMERO, Dom Oscar. *Bispo e Mártir: Homilias*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1980.

SOBRINO, Jon. *Fora dos pobres não há salvação – Pequenos ensaios utópicos-proféticos*. Tradução: Jaime A. Clasen. São Paulo, SP: Paulinas, 2008.

_____. *A Misericórdia*. Tradução: Jaime A. Clasen. Petrópolis, RJ: Vozes, 2020.

_____. *Cristologia a partir da América Latina*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1976.

_____. *Jesus na América Latina: Seu significado para a fé e a teologia*. São Paulo, SP: Loyola, 1985.

SOUZA, Jessé. *A Elite do Atraso: Da Escravidão à Lava Jato*. Rio de Janeiro, RJ: Leya, 2017.

SUSIN, Luiz Carlos (org.). *Terra Prometida: Movimento Social, Engajamento Cristão e Teologia*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2001.

_____. (org.). *Teologia para Outro Mundo Possível*. São Paulo, SP: Paulinas, 2006.

TEIXEIRA, Frei Celso Márcio ofm (org.). *Fontes Franciscanas e Clarianas*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

ZANINI, Rogério L. *Fora dos pobres não há salvação: Tópico fundamental de soteriologia cristã em Jon Sobrino*. 2020, Tese de doutorado – PUCRS Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, RS. 2020.